

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ROSILENE MARINHO SALGADO

CONTOS DE FADAS:

UMA PRÁTICA NO CAMINHO PARA O BEM PENSAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SÃO PAULO

2012

ROSILENE MARINHO SALGADO

**CONTOS DE FADAS:
UMA PRÁTICA NO CAMINHO PARA O BEM PENSAR
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de Pós-Graduação em “Fundamentos da Educação Para o Pensar”, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de especialização, sob a orientação da prof^a. Ms. Maria Liliana Inês Empan Martins Pereira .

SÃO PAULO

2012

Resumo

Esta monografia tem como tema a contribuição dos contos de fadas no desenvolvimento do pensamento na criança, abordando deste sua origem e como foram se configurando em legado da infância. Também conhecido por ser porta voz dos conflitos inconsciente e consciente que atravessam a mente da criança, principalmente aquelas que estão na educação infantil.

Apresenta uma abordagem qualitativa, que favorece a reflexão e interesse a cerca das teorias e estudos levantados.

O questionamento que motivou a escolha desse tema surgiu da prática de contar histórias para as crianças da educação infantil e do uso que as crianças fazem das histórias.

A pesquisa bibliográfica foi a que apoiou toda a elaboração desse trabalho, no qual foram utilizadas concepções de importantes autores no estudo dos contos de fadas, desenvolvimento infantil e educação na infância. A partir das leituras das obras foi possível perceber que os contos de fadas podem ser um instrumento de assimilação da cultura e suporte para a construção do pensamento.

Palavras chave: contos de fadas, pensamento, criança e educação infantil.

Sumário

1 – Introdução	05
Capítulo 1	
2.1 – Contos de Fadas: um legado da infância	06
2.1.1 – Origem dos Contos de Fadas	10
2.1.2 – Contos de Fadas	15
2.2 – As múltiplas Dimensões dos Contos de Fadas	17
2.2.1 – Dimensão Estética	18
2.2.2 – Dimensão Histórica	21
2.2.3 – Dimensão Pedagógica	23
2.2.4 – Dimensão Psicológica	26
3 – Capítulo 2	
Os contos de Fadas e o pensamento da criança	41
4 – Capítulo 4	
A importância de ouvir Contos de Fadas na Educação Infantil	59
5 – Conclusão	76
6 – Referências Bibliográficas	80

Introdução

Em minhas experiências e reflexões sobre como o pensar na educação infantil é trabalhado junto às crianças, tenho percebido que os livros de contos infantis muitas vezes são a porta que se abre para a construção de pensamento na criança da educação infantil. Sendo que sua utilização se apoia na ideia de que pode ser um instrumento facilitador e importante da aprendizagem, pois conversa com o particular da criança.

Desta experiência na educação infantil, o uso de contos de fadas nas aulas, no momento de ouvir histórias, foi tomando um caminho no qual meu olhar foi se tornando cuidadoso. É pouco ficar na ideia de que os livros de contos de fadas apenas distraem. Compreender que a sua utilização pode contribuir para o pensamento na criança enriquece o processo de ensino-aprendizagem na educação infantil.

Na educação infantil a criança pode se apoiar na fantasia para refletir e entender o mundo real/cultural em que vive e o contar histórias pode ser um momento favorável para suas reflexões.

Capítulo 1

2. 1 – Contos de fadas: um legado da infância

Permitir que a criança experimentasse a oportunidade de passear no mundo das histórias dos contos de fadas, histórias em que a fantasia está presente e que se caracterizam pela temática do conflito familiar, das paixões, da construção das identidades masculina e feminina, da rivalidade e questões relacionadas à subjetividade, é oferecer a ela ferramentas para serem utilizadas no seu pensar e no seu fazer infantil. A criança diferente do adulto não esconde sua crença na magia, é nesta hora que a sua fantasia desencadeia pensamento. A fantasia ajuda a criança a entender o mundo.

O universo do fantástico presente nos contos de fadas se configura no imaginário daquele que ouve e convida a querer cada vez mais entrar na história contada, os contos retratam situações de conflitos que permeiam o desenvolvimento da criança e alcançam questões interiores para além do consciente.

Pois quem na infância não ouviu uma história que a fez caminhar por lugares novos, fazendo o uso da imaginação utilizando-se dos enredos da fantasia? Quando somos criança a barreira entre a realidade e o que é fruto da imaginação se torna inexistente, ao ouvir um conto de fadas a criança surpreende-se com os acontecimentos contidos nas histórias e entra em contato com o fantástico através das narrações, e assim compõe seu repertório imaginário do qual necessita para aproximar-se do mundo e das características a respeito do universo do humano.

Essa fantasia que instiga a criança e a favorece na sua relação com a cultura permanece com ela até a vida adulta, mas, vai acontecer de uma maneira mais velada.

Mas porque meu interesse pelos contos de fadas? De onde vem meu fascínio pelo imaginário? Questões como essas ganham significado na minha atuação como educadora, pois me remetem ao meu tempo de criança e como o ouvir histórias que envolviam os conflitos pertinentes ao desenvolvimento humano se tornavam um momento mágico no qual sentia a sensação de estar entrando na história.

A satisfação que encontro na criança ao ouvir um conto de fadas me fez voltar a minha infância, onde ouvia histórias longas, que permeavam questões amorosas, conflitos, amores que ultrapassam barreiras, meu contato com história não se deu através de livros. Aconteceu de outra forma, já que em minha família não existia o hábito de comprar livros ou mesmo de contar história, então como posso falar do prazer de se ouvir uma história?

É provável que mesmo sem querer minha mãe tenha sido a responsável de introduzir-me no mundo da imaginação através do seu gosto de ouvir histórias que eram contadas pelo rádio. Todo dia, à tarde tinha um programa no qual se narravam histórias que tratavam de conflitos de relacionamento, de amor, de paixão e eu ficava ali ao seu lado muitas vezes sem me fazer perceber, mas, atenta no desenrolar da trama contida na narração, e mesmo sem poder recorrer à imagem visual, deslocava-me para dentro da história e ia construindo no meu imaginário cada um dos personagens, característica do lugar, entre outras coisas que faziam parte da narração e assim me conectava com as histórias que ouvia.

Assim como essas histórias populares que ouvia na minha infância narradas por uma pessoa através do rádio, os contos de fadas também transportam as crianças para outro lugar e é nesta passagem que elas estabelecem a ligação com os elementos do maravilhoso fazendo uso da imaginação. A voz que narra à história tem papel importante, o que Lacan chama de pulsão invocante. O uso que eu fazia ou mesmo o uso que qualquer criança faz ao imaginar uma história está diretamente ligado as suas questões interiores.

“Contar histórias não é apenas um jeito de dar prazer às crianças: é um modo de ampará-las em suas angústias, ajuda-las a nomear o que não podia ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento...” (Corso, 2006, p. 18)

Hoje quando estou com as crianças e as preparo para ouvir uma história, acabo sendo atraída a ler um conto de fadas, não apenas porque os ouvia, mas, porque sei o quanto o imaginar, o fantasiar é importante para o desenvolvimento da criança no período da infância. Na criança a fantasia está tão presente, e isso terá repercussões na sua vida quando for um adulto, que por sua vez também possuem fantasias.

No momento em que estou contando mais um conto percebo o quanto elas se envolvem com a história e ao término do livro a história acaba apenas para mim que a leio, mas continua para elas, e pode ser continuada de muitas maneiras, através das relações que estabelecem com algo que ouviram e que podem estar ligadas muitas vezes a aflições pertinentes ao seu desenvolvimento ou até mesmo de uma forma não consciente.

Seja consciente ou inconsciente o impacto que os contos de fadas proporcionam pode favorecer na forma com que a criança encontrou para “*desenhar*

o mapa imaginário que indica seu lugar, na família e no mundo” como foi dito no trabalho desenvolvido pelo casal Corso.

Assim como esses estudiosos basearam seu trabalho utilizando-se de pontos trabalhados pela psicanálise, também pretendo fazer uso desta teoria para levantar à importância dada as questões interiores na formação do sujeito.

Como o tema que centraliza este trabalho são os contos de fadas, Bettelheim por meio de seus estudos pode auxiliar no desenvolvimento desta temática.

Bruno Bettelheim nasceu em Viena, em 1903, mas a Segunda Guerra Mundial levou-o junto com tantos outros judeus a sair de sua terra de origem e imigrar para os Estados Unidos, onde viveu até sua morte, com 86 anos. Estudioso dedicado que era iniciou seus estudos na área da estética e só mais tarde se aproxima da psicanálise que veio a se tornar sua profissão e base de seu pensamento. Seu interesse pela psicanálise era tamanho que sua atuação se estendia em volta do campo clínico, escreveu textos sobre vários assuntos e, principalmente, valiosas reflexões psicanalíticas sobre a subjetividade humana em situações extremas. Sua forma de elaboração acabou por se alicerçar com base em sua experiência pessoal em campos de concentração, quanto em sua clínica com crianças com graves perturbações.

Quando já estava aposentado se viu diante da oportunidade de se debruçar sobre a língua alemã e a literatura, duas velhas conhecidas. Sendo a primeira uma ocasião oportuna para fazer uma revisão crítica da tradução inglesa da obra de Freud; a segunda se traduziu na grande obra acima citada *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, que é uma análise psicanalítica dos contos de fadas, principalmente os da tradição europeia.

Esse autor mostra através de seus escritos que os contos de fadas podem ser leituras recomendáveis para as crianças, e isso favoreceu na disseminação desse

gênero de narrativa nas escolas infantis, nas famílias e nos meios de comunicação. Nesse momento da história a criança ganhou um olhar cuidadoso e a infância passa a ser vista como um período importante para a aprendizagem, momento crucial de enriquecimento do sujeito, obtendo sucesso no futuro. Por isso, oferecer algo de valor era importante e assim os contos de fadas foram sendo propagados.

Durante o caminho que percorrerei para ampliar meus conhecimentos sobre o assunto as contribuições dos estudos de outros pensadores serão relevantes neste trabalho que pretendo desenvolver. Nesta pesquisa não tenho a pretensão de fazer uma análise profunda dos conceitos desenvolvidos pela psicanálise como fez Bettelheim, mas utilizarei seus escritos sobre o assunto, e espero trazer apontamentos relevantes para aqueles que gostam de passear pelo mundo da fantasia contido nos contos de fadas. A fim de colaborar com o entendimento a respeito da origem dos contos, pretendo nos parágrafos abaixo trazer elementos que ajudam a entender como eles foram sendo valorizados durante os tempos como um instrumento da cultura.

2.1.1 – Origem dos contos de fadas

Os contos de fadas não surgiram como uma leitura voltada para a criança, mas foi a esse público que eles mais agradaram, fato que contribui, provavelmente, para sua disseminação.

No início os contos foram escritos para os adultos. Eram histórias que faziam parte da tradição oral, e emocionava por meio da narração feita por um bom contador de história. Seu enredo que tinham relações com o tempo e o espaço do cotidiano, ou seja, muito próximo daquele que estava ouvindo. Durante muito tempo os contos foram sendo contados passando por gerações e assim caracterizavam um momento coletivo de descontração. Além de nos ajudar a entender como era a vida

das pessoas que viviam em tempos passados, os contos fazem parte do folclore, conhecimento ou crença de um povo, caracterizando-se como cultura.

Os contos são histórias que se aproximam dos conflitos da vida real, e o que contamos sobre ela acaba por ter algum tipo de ficção, na qual envolve e “*ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vistas diferentes*” afirma através de seus estudos o casal Corso. Para eles:

“A história de uma pessoa pode ser rica em aventuras, reflexões, frustrações ou mesmo pode ser insignificante, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro.” (Corso, 2006, p. 21).

Um conto muito conhecido que exemplifica como as histórias tinham aproximação com um tempo, espaço e falava sobre pontos característicos pelos quais os homens passam é o conto de João e Maria. Entre as várias versões que existem está a dos irmãos Grimm. Esse conto fala da história de duas crianças que moravam com o pai e a madrasta, esta família passa por grande dificuldade financeira e sofrem com a falta de alimentos. Pai e madrasta então resolvem abandonar os filhos na floresta para estes viverem de acordo com a própria sorte. Pai e madrasta acreditam assim garantirem sua sobrevivência já que o alimento era escasso. Segundo a história o pai sofre ao ter que abandonar os filhos, mas, acaba cedendo aos pedidos da madrasta. João e Maria ficam perdidos na floresta até que encontram uma casa no meio da floresta feita de bolo e por estarem com fome acabam comendo pedaços da casa. Quando estavam devorando a casa aparece uma velha que gentilmente os convida para entrar, João e Maria aceitam o convite sem saber que na verdade a velha era uma bruxa, e que pretendia transformar ambos em refeição. João e Maria passam por momentos de medo, até que conseguem fugir da bruxa e voltar para casa. Ao retornarem para casa encontram o pai sem a madrasta. Pai e filhos vivem felizes tendo uma vida mais confortável sem

escassez, pois, ao fugirem da casa da bruxa João e Maria trazem consigo a provisão, o tesouro da bruxa.

Nesse conto, assim como outros que foram contados através dos tempos, existem os vestígios de um cenário Europeu que sofreu com a falta de alimento. Neste período a fome era um dos problemas que rodeavam a história da humanidade, impulsionando a migração, disputas de poder e guerras.

Outro ponto relevante que a história levanta sobre esse período, são os cuidados, ou melhor, a falta de cuidado para com a criança. Neste tempo demonstrado através da história de João e Maria, tinha-se um olhar inferiorizado para a criança.

Sendo assim as mesmas eram vistas como um ser inacabado, despreparado aos olhos da sociedade, o desfecho dado por muitas famílias que passavam por dificuldades aos seus filhos, era o abandono que podia ser seguida de morte.

Nas sociedades antigas a taxa de mortalidade infantil era grande, pois os cuidados direcionados a esta fase da criança não existiam como vemos nos dias atuais, muitas morriam de doenças, eram abandonadas muitas vezes no momento de seu nascimento. O levantamento e o estudo de obras clássicas permitem o entendimento sobre o modo como as crianças eram tratadas, não se dava um valor para a mesma. Muito pouco se entendia sobre a infância como uma das fases do desenvolvimento. Com isso, a separação entre o mundo do adulto e o mundo da criança não existia, assim que a criança superava o período de inferioridade, leia-se infância, ela era introduzida ao mundo dos adultos.

Os períodos que esses estudos mostram a respeito da ideia sobre a infância percorrem um longo período de descaso, somente em meados do século XIX e que o olhar cuidadoso direcionado para a criança aparece, passando então a ver a infância como sendo característica do desenvolvimento do humano.

As histórias narradas conhecidas como sendo histórias de tradição oral eram um recorte, pedaços dos acontecimentos do mundo ao redor, quando passaram a ser escritas ganharam uma nova modelagem.

No início os contos traziam ocorrências advindas de um cotidiano de pessoas de vida simples. No entanto existem narrações que trazem histórias que falam de pessoas ligadas à corte, essas histórias foram escritas por autores consagrados entre eles encontramos Charles Perrault, conhecido como coletor de contos populares. No estudo feito por Ligia Cademartori encontramos relatos do período em que viveu o autor acima. Perrault era burguês, e viveu em um momento histórico de grande tensão entre as classes, as estruturas sociais e políticas se transformavam e as contradições se acentuavam. Assim os contos que são escritos por ele são reflexos de uma sociedade francesa que durante anos manteve nobreza e igreja no poder ditando as regras, mas que agora tinham seus poderes limitados tendo que dar espaço para uma nova classe: à burguesia. Assim:

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observem-se os seguintes aspectos que não poderiam provir do povo: referência à vida na corte, como em *A bela adormecida*; à moda feminina, em *Cinderela*; ao mobiliário, em *O Barba Azul*. (Cademartori, 2010, p. 41)

Assim esses contos continuavam a agradar, conseguem falar com o particular de cada um, dando possíveis soluções as frustrações vivenciadas por um povo que

sofria com as desigualdades, através de suas histórias cheias de magia e de elementos que não são evidenciados, mas passeiam através do mundo da fantasia.

A leitura de contos para essa nova classe que surgia passa a ser um instrumento de socialização da cultura, pois as pessoas de vida simples pouco entendiam da vida na corte. Não tinham aproximação com os personagens da família real, tão pouco aos seus costumes, então faziam um passeio imaginário amparado pela história da qual ouviam, e assim vivendo um dia de rei ou princesa. Por agradarem tanto seus ouvintes os contos foram ganhando espaço e muitos escritores surgiram um exemplo disto são muitas histórias que apareceram algumas ficaram famosas e fazem sucesso até hoje.

As mudanças e contradições da sociedade não foram contadas através dos contos apenas por Perrault, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), o dinamarquês Christian Andersen (O patinho feio, Os trajes do imperador), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carrol (Alice no país das maravilhas) entre outros.

Esses contos que se disseminaram são conhecidos por nós como contos de fadas, neles existe uma exploração a despeito da vida cotidiana não apenas das pessoas de vida simples, mas daqueles que fazem parte da nobreza e com isso revelam a vida humana como é vista, como pode ser sentida ou até mesmo adivinhada a partir do interior daquele que conta.

Essa nova classe, burguesa, deseja também um lugar ao sol e vê nos contos uma forma de aquisição da cultura que é valorizada, e os contos de fadas passam a ser instrumento não só de socialização, mas também de instrução.

E assim os contos de fadas são apresentados para as crianças, não porque favorecem as questões ligadas ao seu imaginário e sim porque precisam entender do mundo do adulto. Sem dúvida, no momento em que eram apresentados os contos de fadas, não existia a intenção de satisfazer alguns conflitos vivenciados pelas crianças, mas foi esse o aproveitamento que elas retiraram.

Os contos de fadas, diferentemente de qualquer outra forma de literatura, direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter (Bettelheim, 2007, p. 34).

Nas histórias as crianças vão tendo pistas de algumas formas de lidar com seus medos, aflições e desejo de vingança, pois como não separam o real do imaginário com isso vão construindo saídas para seus conflitos interiores ao imaginar.

A fantasia presente nos contos de fadas ajuda a criança a enfrentar o mundo proporcionando assim em suas histórias sugestões em forma simbólica de como lidar com questões que permeiam seu desenvolvimento e auxiliam seu amadurecimento com segurança.

2.1.2 – Contos de fadas: um gênero da literatura infantil

Sendo o conto de fadas um dos gêneros da literatura infantil que mais agrada a criança por trabalhar elementos do fantástico, e se organizar a partir de uma situação problema que ganha uma resolução no final, considero ser importante explicar o termo conto de fadas.

A origem da palavra conto está na forma latina *commentu*, significa invenção, ficção. Os contos contemporâneos possuem estrutura narrativa mais aberta e variada, ao passo que os contos clássicos, em geral os do universo do maravilhoso, apresentam quase sempre um modelo narrativo tipificado, sem muitas variações na estrutura. (Souza, 2010, p. 64)

A palavra fada deriva do latim *fatum*, que significa fado, destino. Isso porque as fadas são entidades que carregam consigo um extraordinário poder de intervir e mudar a vida das personagens, conferindo-lhes um destino, quase sempre, o melhor, o mais feliz. (Souza. 2010, p.62)

Os contos clássicos são os preferidos pelas crianças e pode ser explicado como aqueles que mais se utilizam de elementos do fantástico. Se pegarmos a história do “patinho feio” o personagem principal é um animal, que passa por várias situações, entre elas podemos encontrar a rejeição sofrida pelo patinho no convívio com seus semelhantes do mundo animal. No entanto a criança retira mesmo que seja inconscientemente uma lição ou um escape para algo que seja pertinente ao seu viver.

O próprio do maravilhoso, tal como definido por Todorov, é tratar-se de um tipo de escrita onde o elemento do sobrenatural figura com toda a naturalidade possível. Por mais malucos e oníricos que sejam os acontecimentos, não haverá estranhamento, pois está tácito de que estamos em ou registro, que tudo é totalmente fictício. Isso ele denomina de “maravilhoso puro”, “que se explica de nenhuma maneira”. (Corso, 2006, p. 40)

Os contos de fadas que por sua vez também podem ser classificados como contos maravilhosos, trazem em sua trama muitos dos elementos do imaginário e isto instiga a imaginação da criança. Alguns personagens chegam a personificar o humano e atraem mais ainda as crianças por terem poderes mágicos, por conseguirem enfeitiçar ou por libertar personagens que estejam passando por algum perigo. Bruxas e fadas são as que mais ganham destaques por contemplarem características que se aproximam do humano.

Cada um dos contos de fadas conta alguma coisa a alguém e isso corresponde a particularidades do sujeito que pode estar passando por alguma identificação. Em se tratando de criança podemos pensar nos assuntos relacionados às transgressões, como é difícil para elas entender o que pode e o que não pode se feito no mundo dos adultos do qual agora faz parte. Os adultos por sua vez também são pegos por esta narrativa tão rica em acontecimentos fantásticos, pois no início, quando os contos eram histórias que faziam parte de uma tradição oral direcionada aos adultos, os mesmos ficavam atentos a cada narração dos fatos ocorridos na vida dos personagens.

Não podemos saber ao certo como crianças e adultos estão sendo afetados com as histórias de contos de fadas, mas existem questões relacionadas ao prazer que induzem a reagir oportunamente aos significados ocultos, que podem estar relacionados a alguma experiência de vida e ao seu estágio de desenvolvimento.

O que os contos de fadas acabam fazendo com as crianças é nada menos que expressar em palavras e ações as coisas que se passam em suas mentes infantis.

Os contos de fadas é a cartilha em que a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite o entendimento antes de se atingir a maturidade intelectual. A criança precisa ser exposta a essa linguagem, e deve aprender a responder-lhe, para um dia vir a se tornar senhora de sua alma. (Bettelheim, 2007, p. 225)

O gênero da literatura infantil que recebe a nomenclatura contos de fadas resultou em contribuições para muitas pesquisas que envolvem o estudo da mente e dos processos mentais especialmente relacionados ao comportamento do homem.

Mas não encontramos dentro desse legado direcionado a infância apenas essa dimensão psicológica. Os contos de fadas são ricos e trazem outras dimensões das quais podemos alcançar por meio das leituras dos contos de fadas se nos debruçarmos em um dos muitos clássicos que já foram escritos dando margem a outros conhecimentos pertinentes.

Os contos de fadas possuem quatro dimensões que permeiam suas histórias: dimensão – psicológica, estética, histórica e pedagógica, esse é mais um ganho que podemos depositar nesse gênero infantil.

Cada uma dessas dimensões será discutida abaixo, apenas para esclarecer que explico de uma forma breve do que se trata cada uma delas: dimensão - *estética*; é pela beleza da narração que possibilita viajar para mundos distantes envolvendo o leitor com seus personagens, utilizando uma linguagem que o convida a entrar na trama; *histórica*; por conter em seus relatos a forma como as sociedades passadas viviam; *pedagógica*; que por sua vez auxilia na prática do professor, por ter relação com um caráter educativo e a última dimensão é a *psicológica* que ajuda na compreensão da construção de pensamento; Essas quatro dimensões ajudam a entender, o fascínio que um conto de fadas carrega e por isso continua encantando.

2.2 – As múltiplas dimensões dos contos de fadas

2.2.1 – Dimensão Estética

Os contos de fadas se apresentam por meio de componentes estéticos que o estruturam. É, portanto, através do texto apresentado nos contos de fadas que encontramos a dimensão estética. Ao contrário do que poderíamos imaginar não é apenas o uso estético da palavra, mas a disposição do texto no papel. Nos livros encontraremos, por exemplo, as ilustrações que podem dizer por si só, como são

envolventes e podem dar ideia do que a história se trata, se pensarmos nas crianças bem pequenas que ainda não possuem domínio da leitura. As escolhas gráficas, maneira como a escrita vai dando vida a história, tudo disputa espaço na busca de envolver quem está escutando a história. É assim pela narrativa o ouvinte se sensibiliza e é afetado, alterando seus pensamentos com as informações que retira do texto.

Os componentes estéticos que vão ser valorizados através da estrutura da narrativa são: as personagens, o lugar, o tempo, a linguagem, a organização e o foco narrativo e tudo mais que envolva a sua trama. É assim que os elementos do maravilhoso ganham vida e promovem o imaginar: essa é mágica encantadora que caracterizam os contos de fadas.

Por meio desses vários elementos que constituem os contos de fadas é que dizemos que os mesmos transcendem, e aquilo que é real e o que é fruto da imaginação pouco importa, o que passa a valer são os elementos mágicos, como varinha de condão, talismã, anéis e outros instrumentos e fórmulas encantatórias.

No conto de “Chapeuzinho Vermelho”, encontramos um lobo que fala com uma menina, e a mesma estabelece um diálogo com ele, ambos entram em concordância, quanto qual é o melhor caminho para chegar a casa da vovó. Assim a história segue até que o lobo que já tinha comido a vovó é interrompido por um caçador, quando se preparava para comer Chapeuzinho Vermelho, e a história se encerra com a retirada da vovó de dentro da barriga do lobo, vivinha. Não há limites dentro da narração dos contos de fadas tudo pode acontecer, por meio disso a magia se constrói e encanta gerações de crianças e até mesmo os adultos.

A dimensão estética encontrada nos contos de fadas ganha sentido no universo do maravilhoso. Uma das forças poderosas desse universo simbólico do

maravilhoso é a natureza. Nela habitam muitos seres imaginários que povoam as histórias.

Muitas são as histórias de personagens que vivem na natureza, o homem misturou o humano e o simbólico que caracteriza a arte, e dessas regiões encantadas que eles surgem. Um desses personagens é a fada que ganhou força por se tratar de uma figura humana com poderes mágicos. Outra é a bruxa que é uma do personagem má. Resgatadas do imaginário popular dos antigos e medievais, são malignas, espécie de feiticeira que na mitologia grega são mulheres-serpentes com poderes extraordinários. É esse ser mitológico que por meio dos tempos se transforma na bruxa que encontramos nas muitas histórias infantis.

Por fim os contos de fadas se organizam a partir de uma situação problema que serão resolvidos pela recorrência a elementos encantatórios, Os termos “Era uma Vez” e “Foram felizes para sempre”, preenchem satisfatoriamente, na Imaginação infantil. O tempo dos contos de fadas é presente, sem passado e sem futuro assim esses dois últimos tempos ficam vulneráveis, cada um pode imaginar o passado e futuro desejável para a realização a história.

2.2.2 – Dimensão Histórica

A Dimensão histórica nos contos de fadas diz respeito ao fato de que a ficção revela as circunstâncias e os valores da época em que a história acontece. Não iremos encontrar datas, mas sim, mensagens gráficas das quais ficam a disposição da narração, levando todos através da trama a um tempo e espaço muito diferente do nosso. No desenrolar da trama os fatos que aparecem conduzem a conhecer circunstâncias e os valores da época em que foi produzida, assim elementos estéticos se organizam na linguagem e o simbólico aparece nas histórias.

Utilizarei um conto de fadas para demonstrar como alguns elementos podem contribuir, para entendermos do que esta dimensão histórica se refere. O conto que escolhi foi o da Cinderela, muito conhecido pelas crianças e que ganhou várias versões. O conto Cinderela nasceu na China emigrou para o Ocidente, na qual ganha uma versão escrita por Perrault.

A trama contada por uma narrativa que ganha vida de um modo simbólico, sutil e encantatório, uma luta entre duas forças sociais distintas: a burguesia e as forças feudais. A forma como uma classe social necessita se impor sobre a outra, revelando um delineamento de valores e estruturas social, historicamente conhecido como luta de classes.

O conto de fadas Cinderela é a história de uma menina que após perder seu pai fica sob a responsabilidade de uma madrasta. Esta tem três filhas já em tempo de se casar, e faz tudo para que suas proles façam um bom casamento. Enquanto que Cinderela se ocupa com os afazeres domésticos tendo que cumprir a todas as exigências de sua madrasta e de suas meias irmãs. Até que um dia chega um convite de sua alteza real o príncipe, convidando todas as moças para um baile no castelo. Cinderela se empolga com o convite assim como as suas irmãs postiças, mas, é impedida de ir ao baile. Após a saída de todas para o baile, surge diante de Cinderela sua fada madrinha que faz magia com sua varinha e transforma a moça suja de cinzas, de vestido rasgado e pés no chão numa princesa. Assim Cinderela vai ao baile e desperta no príncipe o interesse, que faz de tudo para encontrá-la e casar-se com a sua escolhida. O príncipe sai à procura de Cinderela com a única pista do seu paradeiro um sapato de cristal, que a mesma deixa cair quanto sai correndo sem se despedir. Sem saber que estava atrás de uma moça que era serva, o príncipe sai a procura até que a encontra, e mesmo quando descobre a verdade sobre a moça, não desiste do casamento.

Com base nesta história (Cinderela) podemos entender como que a burguesia, mais do que a nobreza feudal, serviu para alimentar a ideia de igualdade e ascensão social, por exemplo. No tempo de Cinderela um príncipe jamais se

casaria com uma moça que não pertencesse a uma posição social semelhante que a dele.

O nome da personagem Cinderela ou Gata Borralheira como também foi chamado esse conto, está ligado àquela que trabalha junto das cinzas. No passado europeu existia um criado que guardava o fogo e recolhia suas sobras, uma função que estava nos últimos degraus de uma sociedade, lugar desvalorizado.

Neste conto a nobreza é tipificada pelo príncipe e marcada por signos pertinentes, como o castelo no qual ele habita e onde acontece o baile. A servidão, por seu turno, é tipificada por Cinderela, relegada à condição de serva pela madrasta e destinada aos trabalhos mais degradantes. Caracteriza o universo aristocrático a procura de uma dama que preencha os requisitos necessários à posição de princesa, para casar-se com o príncipe, de acordo com as exigências da coroa.

No momento em que o príncipe casa-se com Cinderela mesmo descobrindo sua verdadeira origem, rompe com a ideia de que o casamento só deve acontecer entre seus iguais, instaura-se um problema, pois como explicar o casamento de Cinderela com o príncipe, na perspectiva da Idade Média?

Essa história é uma legítima aspiração burguesa que neste período da história buscava um lugar ao sol, ou seja, no universo burguês, uma classe social pode ascender à outra pela mediação do casamento.

Outro ponto importante no conto de fadas Cinderela, é a respeito da parte do corpo da menina, que foi escolhida, neste conto o príncipe precisa encontrar a moça que tem o pé exatamente do tamanho do sapato que foi esquecido na noite do baile. Existem autores que acreditam que neste detalhe do conto pode haver resquícios de

uma origem oriental do conto, onde os pés são valorizados, o que é um dado relevante.

Assim, através deste conto de fadas, podemos entender a dimensão histórica como sendo aquela que diz respeito ao fato de que as ficções acompanham o movimento da história, expressando representativamente seu tempo e incorporando seus valores. A dimensão histórica é detectada nos contos de fadas, pois os mesmos carregam em sua estrutura um conjunto de elementos que permitem chegar a essa compreensão.

2.2.3 – Dimensão Pedagógica

Nos contos de fadas também encontramos a dimensão pedagógica, por estar vinculada com a educação. Mesmo que no início o conteúdo dos contos de fadas não tivesse a clara intenção de ensinar, sua utilização para descontrair as pessoas através das muitas histórias, foi ganhando mais uma finalidade.

As leituras dos contos de fadas passam a ser um instrumento de disseminação da cultura, se pensar no Conto de Cinderela, está carregado de ideias da burguesia, que encontrou nas histórias uma forma de se mostrar na sociedade. O contato com as obras de contos de fadas pode auxiliar na formação de pensamento, pois o homem é uma espécie biológica que se despreendeu dos animais e se tornou humana pela formação da sua consciência. A consciência humana surgiu da necessidade de os homens se comunicarem entre si. A autora Ana A.A. Souza utilizando dos escritos de Marx e Engels escreveu que linguagem e consciência constituem uma totalidade única. Na medida da linguagem está a medida da consciência.

E é neste sentido que os contos de fadas podem ser um instrumento pedagógico, na medida em que crianças ou mesmo adultos interagem com as histórias estão exercitando seu pensamento.

No momento que o conto de fadas se apresenta, todos os acontecimentos que nele estiver contido vão envolvendo o ouvinte, e se existirem situações éticas, que vai se repetindo por inúmeras vezes, ele acabará por desenvolver comportamentos éticos. E mais, se a linguagem do conto for carregada de elementos estéticos de grande densidade, aqueles que estiverem em contato, ao longo de muitos contos irão melhorar sua sensibilidade e sua linguagem. Por fim se o conto for marcado por pegadas humanas dos antepassados, e por meio delas tiver a oportunidade de aprender sobre como outros povos viviam isso, vai contribuir para que se reconheça como humano.

O contato com os contos de fadas pode auxiliar no ensino-aprendizagem, pois a cada história nova que o aluno entra em contato novas ideias são construídas por meio das inferências que ele pode fazer.

A oportunidade de contar história para crianças tem me auxiliado para entender como algumas perguntas podem ser geradoras de conhecimentos que as crianças estão construindo.

Em cada página de um livro de contos de fadas estarão lá acontecimentos mágicos. Para exemplificar um pouco contarei uma experiência recente que tive ao ler um conto para uma turma de segunda série: O conto era “A Pequena Sereia”. Antes de iniciar a história para esta turma mostrei a capa do livro e em seguida fiz a leitura do título da história; começaram alguns murmurinhos. _ *Ah! Que chato já conheço!* (fala de um menino) _ *Nossa! Eu já vi esse filme.* (um menino gritou do fundo) _ *Prof você me deixa ver o livro depois?* (fala de uma menina). Ignorando as falas continuei sem fazer intervenções com a turma e expliquei que contaria o livro

fazendo uma parada e terminaria a história no dia seguinte. Ao iniciar a história ainda tinha algumas crianças falando, foi então que alguém gritou. “_ *A prof já começou!*”. E assim contei a história como tinha combinado fazendo uma parada. Então ouvi alguém falando do fundo. “_ *Estava tão bom*”... . Quando estávamos saindo para o recreio algumas crianças vieram confirmar se amanhã eu terminaria a história, pois segundo eles estava “tão bom” ! No dia seguinte terminei a história sem dizer a conhecida frase que encerra alguns contos de fadas e “viveram felizes sempre”. Só que para a minha surpresa outro menino a falou bem alto, foi nesse momento que todos bateram palma encerrando, portanto, a história. No momento em que a história vai se fazendo no virar de páginas, encontro nos rostos das crianças diversas expressões e acredito na relevância existente no contar os contos que passeiam pelo mundo do maravilhoso.

Enquanto ia contando não pense que tinha silêncio absoluto na sala, apenas pararam as conversas paralelas, mas a todo tempo vinha uma pergunta ou ouvia alguém fazendo relações da história com algo que já viu. As crianças pouco se importam com as ocorrências que fogem do seu dia a dia, como peixes que falam, mulher que tem metade do corpo de peixe, são muitas as situações imaginárias que os contos proporcionam. As crianças parecem ter um passaporte grátis para entrar em cada história que se inicia o imaginar, o fantasiar tão presente nas crianças; são elementos que se manifestam frequentemente no período em que se encontra o que é a infância. E por essa credibilidade que se deposita nos contos que a criança deixa transparecer sua fantasia, diferenciando do adulto, que também fantasia, mas tem limitações para revelá-las. Contar um conto de fadas e dar assa a imaginação.

Quando terminei a história, um menino levantou a mão e fez a seguinte pergunta. _ Professora, se a pequena sereia é um peixe como que ela pode ficar fora da água? Através de perguntas como esta que percebo a dimensão pedagógica de uma simples história, este aluno chegou a um conceito se os peixes não podem ficar fora da água como que a “Pequena Sereia”, que é um peixe permaneceu um tempo fora. A explicação para está pergunta teve que acontecer, auxiliando na sua

construção de pensamento sobre o tempo que os peixes podem ficar fora da água. Para aqueles que estiverem lendo, espero poder, de alguma forma, estar colaborando e promovendo um novo olhar para esse legado que permaneceu e estão fadados as crianças.

2.2.4 – Dimensão Psicológica

As consequências do “era uma vez” afetam questões conscientes ou até mesmo as inconscientes pertinentes a cada um. As histórias de contos de fadas invadem questões íntimas do sujeito que podem influenciar o agir e pensar.

Os contos de fadas - ao serem apresentados através da leitura da narrativa - promovem a construção de *imagens* na mente da criança. No momento em que elas estão ouvindo a história, acontecimentos e personagens contidos na trama impulsionam e cooperam para que essas imagens que se formaram se transformem e se organizem em símbolos que podem ser acessados consciente ou inconscientemente.

“Nunca nos maravilharemos bastante se pensarmos neste prodigioso fenômeno que é a formação de imagens interiores. Como elas se configuram às custas de energia psíquica, ninguém sabe.” (Nise da Silveira)

A ciência vem através dos tempos realizando estudos a respeito do homem e de suas manifestações, a psicologia por sua vez é uma ramificação dela, e se preocupa em estudar como o homem pensa e como seu pensamento se processa e como o seu pensar tem relação com a sua forma de comportamento. Dentro da psicologia também encontraremos ramificações, formas diferentes de estudar a mente e os processos mentais do homem.

E para ajudar na compreensão da dimensão psicológica dentro dos contos de fadas utilizaremos a psicanálise que organizou métodos de investigação para entender o pensamento do sujeito. A psicanálise é a área do conhecimento que estuda os processos mentais e suas manifestações. Sua teoria baseia-se nos estudos oriundos do trabalho de Sigmund Freud, que desenvolveu um procedimento de investigação para entender os processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo. No início surgiu como um método de investigação para tratamento de distúrbios neuróticos e que gradualmente se acumulou numa nova disciplina.

Ainda segundo seu criador a psicanálise surgiu com o objetivo de compreender os fenômenos que eram conhecidos como doenças nervosas funcionais, com a intenção de superar a impotência que até então caracterizava seu tratamento médico. Ao escutar seus pacientes, Freud acreditava que os seus problemas eram originados da não aceitação da cultura, isto é, seus desejos eram reprimidos ao não serem bem vistos pela sociedade e pelo próprio paciente. Freud tinha interesse em escutar as aspirações, angústias, fantasias e também todas as experiências vividas pelo paciente sem interromper ou dar opiniões (a chamada associação livre). Ele dava extrema importância à vida infantil do paciente e as suas lembranças da infância.

O ponto em comum entre a psicanálise e os contos de fadas, se dá a uma semelhança de ambos em discutir questões relacionadas à existência do sujeito. No primeiro seguimento colocado acima, se interessa na narração desses conflitos pelo próprio sujeito; e no segundo são histórias advindas de uma tradição oral, carregadas de conflitos que acompanham o sujeito no seu desenvolvimento, que passeiam pelo mundo da fantasia.

A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, a o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção. A história de uma pessoa pode ser

rica em aventura, reflexões, frustrações ou mesmo pode ser insignificante, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro. (Corso, 2006, p.21).

O homem já na sua infância pensa sobre a sua existência e faz isso percorrendo um longo caminho vivendo momentos diversos, mas o mais difícil dentro da sua consciente existência é encontrar um significado em sua vida. Muitos por não acharem o verdadeiro significado perdem o desejo de viver. Essa compreensão do significado da vida não é adquirida alcançando uma idade cronológica, ao contrário para Bettelheim:

(...) a aquisição de uma compreensão segura do que o significado da própria vida pode ou deveria ser é o que constitui a maturidade psicológica.

Diz ainda:

E essa conquista é o resultado final de um longo desenvolvimento: a cada idade buscamos e devemos ser capazes de achar alguma quantidade módica de significado congruente com o quanto nossa mente e compreensão já se desenvolveram.

Na convivência do adulto com a criança o primeiro quer que a mente da dela seja como a dele esquecendo-se, que essa compreensão se desenvolve tão lentamente quanto nossos corpos e mentes. As crianças ao desenvolverem sua mente e a sua personalidade passam por grandes conflitos íntimos e por meio dos contos de fadas podem encontrar soluções, desde que seus recursos interiores possibilitem fazê-lo.

Os contos de fadas são característicos em enviar mensagens que podem ser armazenadas pelo inconsciente para mais tarde serem utilizadas, ou podem ser um escape momentâneo para algum conflito que a criança esteja passando ao fazer relações da história com a sua vida.

Enquanto a criança está se divertindo com os contos de fadas também retira desses alguns esclarecimentos sobre si que favorece o desenvolvimento de sua personalidade.

A dimensão psicológica está voltada para a maneira em que o sujeito está construindo seus conceitos sobre o mundo: como que este o enfrenta em se tratando, dos conflitos familiares, das paixões, construção das identidades masculina e feminina, rivalidade e outras questões relacionadas à subjetividade. Os contos de fadas são caracterizados por oferecer maneiras de resolução de conflitos através de seus muitos personagens, e acabam sendo uma ferramenta para ser utilizada no seu pensar e no seu fazer infantil.

No contato da criança com os contos de fadas acaba surgindo um caminho a percorrer no seu pensamento, por conta de algumas semelhanças que as mesmas encontram quanto se identificam com algum personagem. Alguns contos de fadas podem trazer a discussão sobre a construção das identidades masculina e feminina através de dois contos muito conhecidos a seguir. O primeiro será João e o pé de feijão.

Em muitos contos de fadas a maldade fica por conta da bruxa, ou mulheres malvadas, às vezes com poderes mágicos, que mostram suas piores intenções, causada por inveja ou por serem possessivas. A história de João e o pé de feijão mostra um monstro masculino, nesta história representada por um gigante, em

outras aparece como ogro, esses seres nas histórias são seres enormes, brutais, desprovidos de caráter, possuem bens preciosos, roubados de alguém, e adoram uma criança tenra em qualquer refeição que faça. Esse conto de fadas apresenta uma narrativa que nos abre a possibilidade de falar sobre a construção da identidade viril através da apropriação da herança paterna. Existem muitas versões deste conto, mas a que será utilizada é a contada pelo autor Joseph Jakobs, que publicou em 1890 um livro de contos tradicionais ingleses, preferia utilizar-se de relatos orais que conhecia, e a sua versão de João e o pé de feijão é a mais conhecida.

João e sua mãe viviam à custa de sua vaca Branca-de-leite, cujo leite vendia na feira. Certo dia, a vaca secou, e eles ficaram ameaçados pela fome e a miséria, tendo como única saída a venda do animal. João sugeriu que poderia trabalhar para o sustento deles, mas a mãe argumentou que já antes ninguém o quis contratar.

João saiu de casa com a tarefa simples de vender a vaca na feira, mas no meio do caminho encontrou um homem que lhe fez uma proposta peculiar: trocar a vaca por um punhado de feijões mágicos. Apesar de a troca ser desproporcional, João aceitou sem pensar muito. O homem lhe fez a seguinte promessa: “se planta-lo á noite, pela manhã estarão lá no céu, o que poderia muito bem ser conversa de charlatão visando a enganar um menino tolo. E foi exatamente isso que pensou a mãe de João, que se desesperou ao ser informada do negócio. Jogando os feijões pela janela e mandando o tolinho dormir sem jantar, a modo de castigo.

Após de ido para a cama com fome, João acordou-se pela manhã com uma luminosidade diferente em seu quarto. Os feijões mágicos atirados pela janela confirmaram seu poder, crescendo espontaneamente, de tal forma que seus galhos entrelaçados se perdiam entre as nuvens como uma escada. Não tendo mais nada a perder, o menino aceitou o convite

da curiosidade e subiu até chegar a uma terra encantada, situada acima das nuvens. A promessa do homem se cumpria.

Saindo do pé de feijão, uma estrada o conduziu até a porta de uma casa gigantesca, em cuja soleira estava uma mulher igualmente grande, a quem João pediu para comer algo de café da manhã, já que não havia sequer jantado. O detalhe é que ele chamou a enorme mulher de mãezinha e não parece tê-la considerado ameaçadora. Mas a gigante lhe avisou que devia partir, pois se entrasse na casa poderia virar café da manhã de seu marido, o ogro, que já estava para chegar. Pensando mais na fome que no risco, João implorou que o deixasse entrar mesmo assim, ao que a mulher terminou cedendo.

Em seguida, com grande estrondo, porque a casa tremia com cada um de seus passos, um gigante de péssima aparência entrou, mal tendo dado tempo de o menino engolir um pouco de pão e leite e ser ocultado dentro do forno. O monstro sentiu cheiro de carne humana, mas a mulher o enganou, dizendo que ele estava era sentindo o cheiro dos restos do menino que havia degustado na noite anterior. Ela o distraiu servindo-lhe uma lauta refeição, que o ogro engoliu com a voracidade própria da espécie. Apavorado em seu esconderijo, o menino fez menção de fugir, mas a mulher assegurou que devia aguardar, pois ele sempre tirava um cochilo depois das refeições.

Depois de comer, o ogro ordenou à mulher que lhe trouxesse suas riquezas, e ela pôs sobre a mesa sacos de moedas de ouro que ele começou a contar. Essa foi a oportunidade para a fuga de João, mas não sem antes se apossar de um saco de moedas, que jogou para dentro do seu jardim antes de descer pelo pé de feijão. Graças a essas riquezas, mãe e filho viveram bem por um tempo, mas quando terminaram as moedas, foi necessário subir novamente em busca de mais.

Na segunda visita, a história toda se repetiu de forma similar, embora tenha sido um pouco mais difícil de convencer a mulher. O souvenir dessa ocasião era ainda mais valioso que as moedas trazidas da primeira vez: era uma galinha que punha ovos de ouro sempre que lhe ordenavam.

Embora a galinha lhes garantisse o provento necessário, João sentiu vontade de voltar lá, já que suas visitas vinham sendo tão rentáveis. Na terceira visita nem tentou enganar a mulher, entrou aproveitando uma distração dela e escondeu-se num caldeirão de cobre. O ogro mais uma vez o farejou e junto com a esposa procuraram no forno, mas novamente julgaram ser o cheiro do menino do jantar da véspera. O tesouro da vez era uma harpa dourada que tocava e cantava divinamente. Ao seu som, o gigante costumava adormecer como um bebê. João aproveitou para fugir com a harpa mágica depois que o ogro pegou no sono, mas ela não colaborou. Como falava, gritou assustada quando o menino a pegou, acordando seu patrão.

Desperto, o ogro iniciou a caçada ao ladrãozinho, seguiu-o até o pé de feijão e o perseguiu na decida. Graças à sua agilidade juvenil, João chegou antes gritou para a mãe lhe alcançar um machado e cortou o grande caule, fazendo o ogro da harpa mágica, eles enriqueceram e João pôde se casar com uma princesa. cair e morrer. Com os ovos da galinha e as apresentações

O negócio realizado por João é algo que abre a questão: Como negociamos algo de valor em troca de uma promessa? É como se trocássemos aquele leite certo de cada dia por algo impalpável. Pode haver um sentido associado, que é a questão do desmame.

Quando a promessa se realiza, os feijões mágicos viram uma enorme árvore, deixa aparecer um fato, que é o crescimento, afinal toda criança verá um dia seu corpo mudar de forma indo em direção ao céu, assim como uma semente plantada na terra. A criança pode tirar deste conto que para crescer, é preciso perder algo que goste, como por exemplo, o leite do seio materno representado pela vaca. Após a mãe ficar descontente com o filho, o manda ir dormir sem comer o que pode parecer um distanciamento da mãe e da sua condição de alimentadora. A narrativa através da história mostra um menino que precisa de provisões para o seu sustento e encontra na casa do ogro que por sua vez gosta de comer criancinhas, assim as

intenções de ambos são diferentes. Mas quando se inicia a perseguição do gigante pelo pequeno ladrão, esse não está pensando em seu estômago, neste momento o menino não é o prato principal e sim seu rival.

Neste momento podemos retirar da história elementos que auxiliar a criança no seu modo de pensar. Inicia um processo de identificação, quando um passa a pegar a porção do outro. E esse processo acontece inconscientemente, o fato é que a mãe é o primeiro amor, é alguém para se sugado. Dentro da lógica do raciocínio infantil amar é comer-se mutuamente. Muitas vezes, porém, as crianças muito pequenas têm através de sua boca um diálogo sofrido com o mundo, quando mordem as pessoas ou mesmos seus coleguinhas. Ser devorado pelo gigante poderia ser também uma projeção, que é supor no outro a intenção da criança de devorar aqueles da qual gosta.

Outro elemento importante que podemos retirar deste conto é o fato de que os filhos representam a juventude perdida pelos pais, o vigor de seu apetite sexual, as oportunidades e a energia para aproveitá-la representado na história pela galinha de ovos de ouro que João rouba do gigante. Se olharmos o João como sendo um herói, por retirar deste mundo um gigante que é mau por comer criancinhas, tem um duelo entre inimigos. Mas a relação que João tem com o gigante é de cobiça, por querer seus tesouros e para isso terá que mata-lo, com isso ganha o que for melhor. Na relação entre pai e filho se alguém escuta que o filho matou seu próprio pai para conseguir o que quer seria aterrorizante. Como se trata de um menino matando um gigante a história fica suave e aquele que mata passa a ser inocente. A construção da identidade do filho é como se passa na historia, quantos roubos serão necessários para que este receba herança que era de seu pai. Os pais falam, educam cuidam mostram seus amores e mágoas e os filhos herdaram seus ensinamentos, mas não é um herdeiro passivo, se assim o forem terão dificuldades em escolher quais aspectos da identidade de seus pais adotariam para si. Outro detalhe importante, por mais que os pais tentem passar através de sermões e ideais, é na vida familiar que essa construção vai acontecer. Neste momento é o

inconsciente que dita a porção que será colhida da relação de ambos. A percepção inconsciente da criança vai além da hipocrisia, da falsa moral, das convenções sociais, mesmo sem saber, ela vai atrás do que a verdade a revela sobre as expectativas, desejo, amor e frustrações de seus pais.

O inconsciente da criança percebe esses aspectos em seus pais, e no grupo cultural da qual faz parte, as pessoas podem dizer algo, mas o inconsciente percebe outra coisa, aos poucos alguns conceitos vão sendo construídos, a criança pode ser uma versão parecida dos pais ou contradizê-la totalmente.

A seleção dos aspectos da personalidade e do inconsciente parental que farão sintoma no sujeito em desenvolvimento, ou seja, eco na sua forma de ser é uma tarefa desempenhada pela inevitável neurose de cada um.

A construção de identidade do filho vai ser construída não apenas sobre modelos de virtudes dos pais, ela pode servir de base, mas o que organizará a lista dos itens que um filho vai tomar para si está mais do lado do que falta a seus pais do que aquilo que possuem. Um filho vai procurar transcender aquilo que foram seus pais, mais do que imita-los. É um desafio e tanto na busca da construção de identidade por parte do filho.

Para entender a construção de identidade no menino, sempre estaremos percorrendo em volta da relação que este tem com a figura masculina que pode ou não estar sendo permeado pelo pai.

E na menina como esta construção de identidade acontece? Para promover esse entendimento, outro conto será utilizado. Um dos contos de fadas mais

conhecido entre as crianças é o da “Branca de Neve e os sete anões”, nesta história a menina floresce na mesma proporção que a madrasta perde sua juventude, assim não há lugar para duas mulheres desejáveis no núcleo familiar. Esse conto agrada tanto as meninas quanto aos meninos, embora a personagem principal seja direcionada as meninas, os meninos também tem seu personagem preferido, graças à presença dos sete anões. Na versão dos irmãos Grimm a história de “Branca de neve e os sete anões”.

Era uma vez uma rainha que, certo dia, no meio do inverno, quando flocos de neve caíam do céu como se fossem penas, costurava sentada junto à janela, cujo caixilho era ébano muito negro. E, enquanto costurava e olhava pela janela, espetou o dedo na agulha e três gotas de sangue caíram na neve. Ela pensou então: quem me dera ter uma filha branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o caixilho da janela. Seu desejo foi uma ordem, pouco depois deu à luz a uma filha que tinha cútis tão alva como a neve e tão corada como o sangue e cujos cabelos eram negros como ébano que ficou Chamada Branca de Neve. Mas o que era bom durou quase nada, já que a mãe morreu logo após o nascimento.

Após um ano de luto, o rei, se casa novamente com uma mulher tão bela quanto perversa. Essa mulher tinha um espelho mágico, que consultava todos os dias, sempre querendo saber quem era a mais bela do reino. O espelho sempre tinha a resposta positiva: a rainha é a mais bela. Até que um dia o espelho fala que a mais bela é Branca de Neve, a rainha não agüenta ser a segunda e resolve acabar com a vida da menina.

Num certo dia a rainha chama Branca de Neve, diz que ela fará um passeio na floresta acompanhada do guarda real. Esse recebeu ordens para matar a menina, e como prova de seu feito teria que trazer o coração da princesa. Mesmo morrendo de medo da rainha o guarda não faz o prometido e pede que Branca de Neve fuja e nunca mais volte ao castelo.

E assim a menina sai correndo pela floresta, sem saber para onde ir, até que se vê perdida, com fome e cansada. Depois de muito andar encontra

a casa dos sete anões, que está com a porta encostada, a menina entra e acaba dormindo. Na volta do trabalho os sete anões encontram Branca de Neve ainda dormindo, e sem entender nada começam a murmurar, até que acabam por acordar a menina que conta tudo que aconteceu.

Os sete anões deixam que ela fique morando com eles, e enquanto eles trabalham, ela cuida dos afazeres da casa. Todos os dias quando saem para trabalhar, falam para que ela não abra a porta para ninguém.

Enquanto isso no castelo a rainha se prepara para fazer a pergunta para seu espelho mágico, e descobre que Branca de Neve ainda vive e mora na casa dos sete anões no meio da floresta. A rainha fica furiosa por saber que sua ordem não foi cumprida, e resolve ela mesma acabar com a vida daquela que é a mais bela. Para conseguir o que quer a rainha oferece uma maçã enfeitiçada para a princesa que quando morde da maçã cai num sono profundo.

Os sete anões ficam desolados com a morte de Branca de Neve, e invés de enterrá-la acabam construindo um mausoléu de vidro, que permite que vejam a menina, que mesmo morta continua a mostrar sua beleza.

Até que um dia passa um príncipe perto do lugar onde a menina se encontra e se encanta com tamanha beleza, e pede para que os anões o deixem levá-la com para o seu reino. No transporte da menina até o castelo a carruagem balança, e com o solavanco, soltou-se da garganta a maçã envenenada que mantinha o sono enfeitiçado. O príncipe declara seu amor e é aceito pela moça.

No dia do casamento a madrasta que havia sido convidada, recebe seu castigo é obrigada a calçar sapatos em brasa e neles dançar até a morte.

Na versão da Disney a princesa é acordada por um beijo dado pelo príncipe e a rainha malvada é eliminada pelos anões, que a jogam montanha abaixo.

No conto de Branca de Neve temos: o espelho, a madrasta, a morte da mãe, os sete anões e a maçã, a representação de cada um pode ajudar a entender como a identificação da menina vai sendo construída. Com o aparecimento desses fatos e a interpretação feita pelo do casal Corso, 2006, será possível o esclarecimento de como a construção da identidade feminina aos poucos vai sendo construída.

No início, a morte precoce da rainha-mãe, representa que o filho que nasce não fica com a cara da encomenda por muito tempo, assim que começa a crescer vai fazendo suas escolhas e como deseja ser. O desejo de ser alguém diferente daqueles que conhece vai sempre permear a identificação.

Na história a madrasta sempre recorre ao espelho para saber se é a mais bela, o espelho mágico é um olhar pregado a uma parede no quarto da madrasta, assim deveria ser o homem com quem ela casou sempre ter olhos só para ela. Entretanto, esse homem-espelho consegue ver também a beleza da princesa, sua filha, assim se dá conta de que sua menina cresceu e foi agraciada com os atrativos de uma jovem mulher. O espelho enuncia que há uma jovem mulher em casa, sua mulher não é a única. O espelho representa o homem que pertence a mãe e a filha terá que sair em busca do seu próprio espelho, ou seja, seu amor, por isso a expulsão de Branca de Neve, a beleza da menina incomoda a madrasta, que vê sua beleza sendo substituída. Quando a rainha pede que arranque o coração da princesa e deseja comê-lo, é como se pudesse incorporá-la.

É importante que a filha possa recolher elementos de identificação com a mãe. Ser parecida com ela em alguns aspectos pode ser o ponto de partida não de chegada. Ela precisa perceber a limitação do modelo materno, e isso empurra a filha a um trabalho de busca referencial e de vivências que ampliem o seu horizonte. A menina sente uma admiração irrestrita pela mãe, e vê essa sendo amada pelo pai. Ela pode tentar se igualar a mãe, perdendo o caminho de construção de sua própria pessoa, ou se identificar com o pai, buscando amar uma mulher. Na segunda

escolha, ela encontrará numa solução homossexual a possibilidade de relacionar-se com a perfeição de sua mãe.

No entanto para que haja alguma existência individual, algo que possa ser chamado de “eu”, é preciso que consiga diferenciar, particularizar uma forma de ser. Na sua construção de identidade o sujeito pode tentar ser igual, isso pode ser uma forma de morte, de anulação, pois ser igual a alguém é o mesmo que ser essa pessoa.

A menina percebe o olhar do pai voltado para a sua mãe, e deseja que ele perceba que ela também cresceu. A criança se interessa por aquilo que é importante para seus pais, porque, num primeiro momento está buscando lugar para si no amor deles, mas através de suas vivências dentro da cultura descobre um mundo vasto, com outras opções amorosas, que podem ser realizadas de outras formas de acordo com o seu desejo. Outro elemento que possibilita a identificação é o fato de Branca de Neve ser acolhida pelos sete anões, enquanto está morando junto com eles pode ocupar um lugar feminino, mas não sexuado, ela é a dona de casa, mas não é mulher de ninguém. E por último a maçã que ficou, dentro da nossa tradição, inseparável do mito de Adão e Eva, como símbolos de desejo proibido. Quando Branca de Neve morde a maçã, altera seu destino, morre uma menina e nasce uma mulher.

Enfim a mãe é fonte importante de identificação na qual a filha se utiliza dos atrativos femininos, afinal, ela possibilita afinar a cintura, a fazer penteados diferentes e a se mostrar disponível para ser amada.

A Dimensão Psicológica que se apresenta nos contos de fadas, mostra como questões particulares vão sendo trabalhadas no inconsciente e auxiliando o sujeito na sua construção de si.

Cada uma das quatro dimensões vai sendo trabalhada nos contos fadas possibilitando, reflexões, assimilação, fantasia um escape para algo que o inconsciente esteja tentando organizar. E assim os Contos de Fadas perpetuam-se e continua presente na infância.

3 – Capítulo 2

3.1 – Os contos de fadas e o pensamento da criança

A presença dos contos de fadas na infância pode auxiliar a criança na passagem por esse período tão importante na sua formação. Muito do que é construído na infância terá repercussão na vida adulta. A criança percorre um longo tempo para entender o mundo a sua volta, nesse contato dela com a cultura seus conhecimentos são ampliados, é o pensar sobre as complexidades do mundo que a cerca, que a tornará sujeito.

A humanização do sujeito está na sua interação com o meio social do qual está inserido, e a sua atividade vai estar constantemente permeada pela pulsão de saber.

A criança desde seu nascimento, ao entrar em contato com a cultura vai sendo por ela afetada. Ao cuidar de seu bebê a mãe, mesmo sem saber vai estimular a sexualidade de seu filho. Esse contato que é intenso entre mãe e filho, ou entre a pessoa que efetua os cuidados que um bebê necessita, vai excitar a sua sexualidade. O corpo do bebê está todo coberto de zonas erógenas, essas regiões

da pele estão constantemente sendo manipuladas, no banho, na hora da mamada, na troca de fraldas e nos momentos de carinhos.

O bebê desde cedo vai estar em contato com as relações de prazer e gozo, e isto permeia a relação dele com o “Outro”, cultura, cada uma dessas relações irão influenciar na sua inteligência, sua marca psíquica.

Para Lacan existe uma diferença entre o gozo e o prazer. O gozo é a satisfação sem limites. E o prazer acontece como um jogo, nem sempre o bebê vai satisfazer seu desejo. A influência do gozo passa a ser destrutiva porque é a satisfação sem limites, sendo que o prazer é a satisfação com intervalos, pois nem sempre a mãe, ou cuidadora vai estar disponível para atender seus desejos.

É importante que o bebê não seja atendido todas as vezes que solicitar, mesmo que faça uso da forma particular de comunicação com a cultura, que é através do choro. É preciso que desde cedo ele tenha algumas frustrações, por isso podemos atribuir duas funções a presença materna: a função de ser o “outro” do qual ele depende, e a função de ser o “Outro” que é a cultura, que ultrapassa o papel maternal.

Nesta passagem do ser de demanda para o ser de desejo, o bebê dependente da cultura, é que o sujeito vai se humanizando. Na troca que o bebê faz com o meio em que vive estará presente à relação de desejo, e isso contribuirá para as suas construções mentais futuras a respeito do mundo, ou seja, a sua aprendizagem vai estar alicerçada no desejo.

O bebê deseja a presença constante da mãe, mas nem sempre será correspondida, pois a mãe já é um sujeito inserido na cultura e já construiu outras possibilidades de inserção, ou seja, além de se mãe também é esposa. O bebê ao longo do seu crescimento percebe que existe outra pessoa que também recebe atenção daquela que é seu objeto de desejo.

O convívio entre pai, mãe e filho dá início a um conflito, que é vivido pela criança, quando essa alcançar o período entre os três e os cinco anos, Freud diz que se inicia nela a atividade que se inscreve na *pulsão de saber* ou de investigar. A criança começa a se interessar por algumas coisas a respeito dessa relação familiar. Até este momento a existência de dois sexos não é algo percebido e isso se torna um problema para ela dentro desse convívio. Mas é a partir desta descoberta que ela avança em suas ideias sobre o mundo.

Quando a criança está iniciando seu terceiro ano de vida, e é surpreendida com a chegada de um bebê, surge um sentimento egoísta que a domina, consequência do medo que tem de perder o carinho e atenção de seus pais. E mesmo que não chegue um novo bebê na sua casa, observa que isso ocorre em outros lares.

Freud diz que a criança é tomada pelo medo de perder o carinho e a atenção de seus pais, e o fato de que terá que compartilhar o amor que antes era só seu, com o irmão que está chegando ou pode vir a chegar despertará suas emoções e aguçará sua capacidade de pensamento.

A criança pode até expressar verbalmente que não quer um bebê, tomando seu lugar falando coisas do tipo: “_Não cuida dele não!”, “_Tomara que a cegonha venha buscar ele de volta!”, “_ Mãe, deixa ele chorar!”, algumas chegam a desejar a “morte” desse novo integrante. As crianças maiores também sofrem com essa chegada, mas de uma forma mais suave.

Esse turbilhão de sentimentos que envolvem as crianças passa a ser um problema, pois ela não quer perder o amor que antes era só dela, a partir daí surge o primeiro grande problema da sua vida e pergunta a si mesma: *De onde vêm os bebês?* Essa pergunta vai dar origem a muitas outras e a criança na busca para respondê-la, vai construir algumas ideias a respeito de aonde vêm os bebês.

As crianças desejam saber qual é a resposta por parte dos adultos, uma vez que são considerados aqueles que mais sabem dentro da cultura. Uma explicação muito conhecida da origem dos bebês é a teoria de que os bebês são trazidos pela cegonha. As crianças não são convencidas por esta resposta, e passam a suspeitar que os adultos escondam a verdade dos fatos, por se tratar de um assunto proibido e começam a manter em segredo suas investigações sobre o assunto. A dúvida que rodeia os sentimentos da criança é a prova de que a cultura influencia em suas construções internas, ou seja, seu pensamento. Para ela o adulto falta com a verdade, porque através da sua observação constata que o corpo da mãe sofreu algumas mudanças, ela sumiu por um período e depois chega a casa com um bebê nos braços. Por mais que elas desejem acreditar no adulto a sua experiência na cultura lhe diz algo que vai contra a explicação que recebeu.

Nesse percurso de descobrir o que ainda não sabe, a criança vai tentar sozinha chegar a uma resposta, e o seu pensamento sobre o assunto ajudará na construção de algumas ideias que serão superadas por outras até que chegue numa situação de conforto para a sua aflição. Esse pensamento que surgiu com a *pulsão de saber*, a criança necessita saber mais do mundo, vai caracterizar a origem do pensamento na criança.

Freud em seu texto, “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças” (1908), explica que a criança sai em busca de saber qual a origem dos bebês, e criam algumas teorias que ele chama de falsas, mas importantes na sua busca pela verdade.

A primeira dessas teorias esta relacionada ao conhecimento da criança sobre a sexualidade do homem e da mulher, ela acredita que todos possuem um pênis, e isso no menino é um fato. Quando a menina descobre que não tem, sente inveja do pênis do menino. O menino por sua vez quando observa um bebê de sexo oposto ao seu, passa a acreditar que o da então menina vai crescer. Ao passar dos tempos à menina pensa que o dela foi arrancado e o menino sente medo de que o mesmo aconteça com ele, dando origem ao complexo de castração. Nesse período pode ocorrer à manipulação dos órgãos sexuais tanto pelo menino quanto pela menina, e o flagrante dessa situação deve ser tratado com cuidado por parte do adulto, pois se

trata de uma fonte de desejo. Região onde a criança sente prazer e a reprovação do adulto pode trazer consequências ao seu desenvolvimento psicosssexual.

A descoberta feita pela criança de que existem dois sexos a deixa muito próxima de descobrir a verdade, que os bebês são o fruto do ato sexual entre o pai e mãe. Mas essa verdade é forte demais e ela é obrigada a interromper essa investigação, ou seja, seus sentimentos a respeito de como os bebês surgem fica “reprimido”, a repressão se encarrega de manter sua quase descoberta no inconsciente. E assim passa aceitar a ideia de que a mãe também possui um pênis.

A segunda teoria dá sequência a sua ideia inicial, as mães possuem um pênis. A criança tem o conhecimento de que os bebês se desenvolvem dentro do corpo da mãe, e só podem ser retirados através de um único caminho, pela passagem anal. A ideia de que os bebês saem pelo canal anal, assim como as fezes, pela evacuação, possibilita ao homem a ter também um bebê, e o menino imagina que também terá um filho. Ao passo que a criança vai avançando em suas construções, cada nova descoberta se encaixa sobre a antiga, e esquece algumas hipóteses que tinha sobre o assunto.

Na busca de tentar explicar a origem dos bebês, a criança chega à terceira teoria, que surge pela observação acidental da relação sexual entre os pais. A criança não tem uma ideia exata do que realmente está acontecendo, mas se concentra em alguns fatos, há ocorrências de ruídos, as posições das duas pessoas e qualquer outra situação relacionada ao ato, e assim chega a uma *concepção sádica do coito*. A criança vê esse ato como uma violência, onde o mais forte - homem - exerce poder sobre a mais fraca – mulher – isso, quase possibilitou a descoberta, de que os bebês são frutos do coito.

A criança fica atenta ao relacionamento dos pais, e faz associações, em muitos casamentos a esposa de fato resiste ao abraço do marido, que não lhe causa prazer, mas sim risco de uma nova gravidez. Ela presencia brigas entre o marido e a esposa o que colabora para que acredite que a sua mãe se defendia de um ato de violência.

No decorrer do texto, Freud segue explicando o longo caminho que a criança percorre na busca de descobrir o que realmente acontece entre pai e mãe, e o que estes têm haver com a chegada do bebê, uma vez que já tem uma ideia de eles entram na mãe com a colaboração do pai.

Nesta hora os contos de fadas podem ser um aliado importante, pois, muitos personagens retratados nas histórias vivenciam questões que perpassam o mundo do adulto: casamento, nascimento de um bebê, beijo de amor etc. A criança pode acessar esse mundo pela imaginação e responder suas diversas perguntas, conscientes ou inconscientes.

A criança cuja mente, consciente e inconsciente que ficou profundamente envolvida com alguma das muitas histórias de contos de fadas compreende o significado representado por algum personagem, para ficar mais claro, no conto de “Chapeuzinho Vermelho”, Bruno Bettelheim ao analisar esse conto explica que o lobo ao engolir a vovó e a menina, ajuda a criança a acreditar que devido ao que aconteceu, ambas se tornaram temporariamente perdidas para o mundo, ou seja, perderam a capacidade de estar em contato e influenciar nos acontecimentos. Sendo assim, alguém de fora deve vir em seu socorro; e, em se tratando de mãe e filha, quem poderia ser esse alguém senão o pai?

Os contos de fadas colaboram com a imaginação da criança, e apóiam seu pensamento que busca encontrar uma compreensão mais profunda do mundo. As questões conscientes e inconscientes que atravessam a mente da criança, e são representadas nas histórias através das ilustrações da narrativa envolvente, estão ligadas à construção do pensamento.

Os processos consciente e inconsciente fazem parte do sistema psíquico que auxilia no desenvolvimento do sujeito. Do que se trata cada um desses processos? Uma resposta rápida seria: *consciente*, conjunto dos processos e fatos perceptíveis por uma pessoa até um dado instante; *inconsciente*, parte da nossa personalidade que consiste num complexo de sentimentos e impulsos dos quais não é consciente, porque não são acessíveis à consciência.

Esses processos foram alvos dos estudos realizados por Freud na busca de entender a psique, processos mentais, do sujeito.

O consciente representa os pensamentos construídos que auxiliam na construção de novos conhecimentos pelo sujeito e que ficam disponíveis sempre que precisar acessar, pois não sofrem com a censura. O consciente se apoia no inconsciente, pois o segundo conserva os conhecimentos adquiridos latentes até que sejam requisitados novamente. Mas nem todo conhecimento chega à consciência do sujeito, alguns passam pela censura e voltam para o inconsciente. Quando um ato psíquico não chega ao consciente, por conta da censura, é porque este foi “reprimido” e deve permanecer inconsciente. Mas quando passa pela censura ainda não é consciente, mas passa a ser objeto da consciência, o sujeito pode acessar esse conhecimento e utilizar no seu trato com a cultura.

No momento em que esse conhecimento se torna objeto da consciência, o sistema consciente pode ser chamado também de pré-consciente, e assim os sistemas pré-consciente partilham das propriedades do sistema consciente e que a censura rigorosa cumpre seu papel na passagem do inconsciente para o pré-consciente. Esses dois (ou três) sistemas psíquicos vão assegurar que os sujeitos normais tenham um desenvolvimento saudável. O processo inconsciente consiste de representantes instintuais que querem descarregar seu investimento, de impulsos de desejo.

Para uma compreensão melhor desses sistemas psíquicos, Freud em seu texto “O Inconsciente” (1915), diz:

Os processos do sistema *Ics* são *atemporais*, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema *Cs*.(p. 128)

Os processos do inconsciente não levam em consideração a realidade, ficam sujeitos ao princípio do prazer, por conta disso, a criança fica tão envolvida as histórias de contos de fadas, nelas existem muitos acontecimentos fantásticos que fogem da realidade. A criança é tomada pela pulsão, seu desejo esta permeando seu pensamento e suas ações.

Bruno Bettelheim analisou os contos de fadas e muito das suas contribuições estão pautadas na teoria de Freud, e assim no trecho abaixo diz:

Freud disse que o pensamento é uma exploração de possibilidades que evita todos os perigos inerentes à experimentação concreta. O pensamento requer um dispêndio pequeno de energia; assim, temos energia disponível para a ação após chegarmos a decisões por meio da especulação sobre as possibilidades de sucesso e da melhor maneira de alcançá-lo. Isso é verdade com relação aos adultos; por exemplo, o cientista “brinca com as ideias” antes de começar a explorá-las de modo mais sistemático. Mas os pensamentos da criança pequena não procedem de modo ordenado, como os do adulto – as fantasias da criança são seus pensamentos. Quando uma criança tenta entender a si própria e aos outros, ou imaginar quais possam ser as consequências específicas de uma ação, ela tece fantasias em torno dessas questões. É sua maneira de “brincar com as ideias”. (Bettelheim, 2010, p. 170)

A pergunta inicial “De onde vêm os bebês?”, feita pela criança alavanca sua estrutura mental a partir daí ela não é mais a mesma, pois passa a se relacionar com o mundo de outra maneira, e o mundo a sua volta passa a contribuir para a sua formação.

Na sua formação a criança passa por fases que contribuirão para o seu crescimento, nesse caminho algumas coisas relacionadas à sexualidade vão sendo esquecidas e outras ficam em evidencias para que se torne um sujeito saudável.

Freud ao desenvolver seus estudos sobre a teoria da sexualidade, diz que o sujeito deste seu nascimento passa por fases que permearam seu desenvolvimento, e se completa quando chega à adolescência. Cada uma das fases irá contribuir para a sua humanização e classificam-se em: fase oral, fase anal, fase fálica, fase da latência, fase genital.

As três primeiras fases estão relacionadas à infância, que vai do zero aos seis anos de idade. Essas fases são muito importantes para a evolução do sujeito, assim muito do que foi construído na infância de cada um, acaba tendo efeito na vida deste quando for adulto. Assim apresento cada uma delas, segundo Freud.

Fase Oral: A boca e a língua e os lábios são o primeiro centro de prazer para o bebê, e o seu primeiro apego é com a pessoa que proporciona prazer na boca, em geral a mãe. Freud achava que os bebês colocam coisas na boca porque é aí que eles têm as sensações mais prazerosas. Se o bebê não obtém suficiente estimulação oral, argumentava ele, podem permanecer fixado no estágio oral. Esta fase vai do nascimento ao final do primeiro ano.

Fase Anal: Na medida em que o tronco amadurece, o bebê torna-se mais sensível na região anal. Mais ou menos na mesma época, os pais começam a colocar muita ênfase no treinamento esfinteriano e manifestam satisfação quando ele consegue “fazer” no lugar certo e no momento certo. Essas duas forças, juntas, ajudam a mudar o centro maior de energia físico-sexual da zona erógena oral para a anal. Esta fase se encontra a partir de um ano e vai até os três anos.

Fase Fálica: Por volta dos três ou quatro anos de idade, os genitais têm sua sensibilidade aumentada, introduzindo um novo estágio. Um sinal dessa nova sensibilidade é que as crianças de ambos os sexos normalmente começam a se masturbar nessa época.

Freud, explica que o evento mais importante que ocorre durante a fase fálica é o chamado conflito edípico. Para ele, este estágio começa em torno dos três ou quatro anos, momento em que aumenta a sensibilidade dos genitais. Ele propôs que durante essa fase, tendo descoberto seu pênis, o menino ingenuamente deseja usar essa fonte de prazer recém-descoberta para agradar à sua mãe. Ele passa a invejar o pai, que tem acesso ao corpo da mãe de uma maneira que ele não tem. O menino também vê o pai como uma figura poderosa e ameaçadora, com o poder supremo, o

poder de castrar. O menino fica preso entre o desejo pela mãe e o medo do poder do pai.

A maior parte desses sentimentos e o conflito resultante são inconscientes. O menino não apresenta comportamentos ou sentimentos sexuais claros em relação à mãe. Porém, inconsciente ou não, o resultado desse conflito é a ansiedade. Como o menino lida com essa ansiedade? Para Freud, o menino responde com um processo defensivo chamado identificação: ele “incorpora” a imagem que tem do pai e tenta adequar seu comportamento a essa imagem. Ao tentar assemelhar-se o máximo possível ao pai, ele não apenas reduz a chance de um ataque do pai, como também fica com parte do seu poder. Além disso, é o “pai interno”, com seus valores e julgamentos morais, que serve como a essência do seu superego.

Como se dá então esse processo com a menina? Imagina-se que um processo parecido ocorra com a menina. Mas, a verdade é que na menina é muito mais complexo, já que o primeiro amor da menina é a mãe (mulher), ela precisará trocar seu amor para o pai (homem) e daí para outro homem.

A menina vê a mãe como uma rival pelas atenções sexuais do pai e tem um pouco de medo dela, embora menos que o menino, pois pode supor que já foi castrada. E assim considera-se que a identificação com mãe é a solução para a ansiedade da menina.

Fase da Latência: Freud pensava que depois da fase fálica existia uma espécie de período de descanso antes de uma próxima mudança importante no desenvolvimento sexual infantil. A criança presumivelmente chegou em alguma resolução preliminar do conflito edípico e entra em uma espécie de calma depois da tempestade. Uma das características óbvias deste estágio é que a identificação com o genitor do mesmo sexo, a qual definiu o final da fase fálica, agora se estende a outros do mesmo sexo. Assim, durante esses anos, as interações da criança com os amigos são quase exclusivamente com membros do mesmo sexo. A fase da latência está no período de cinco a doze anos.

Fase Genital: As mudanças nos hormônios e nos órgãos genitais que acontecem na puberdade reacendem a energia sexual da criança. Durante esse período, acontece uma forma mais madura de apego sexual. Desde o início da fase, os objetos sexuais da criança são as pessoas do sexo oposto. Freud colocou certa ênfase no fato de que nem todas as pessoas elaboram esse período a um ponto de amor heterossexual maduro. Algumas não tiveram um período anal satisfatório e assim, não têm o alicerce dos relacionamentos amoroso básicos. Outras não resolveram o conflito edípico com uma identificação completa ou satisfatória com o genitor do mesmo sexo, um fracasso que pode afetar sua capacidade de lidar com as energias sexuais que reacende na adolescência.

O bom desenvolvimento em cada uma das fases, segundo Freud requer um ambiente que satisfaça as necessidades exclusivas em cada período. O bebê precisa de estimulação oral e anal suficiente; a criança de quatro anos precisa estar em contato com aquele que ocupe a figura do pai, com quem se identifique e uma mãe que não seja sedutora demais. Um ambiente inicial inadequado deixará resíduo de problemas não resolvidos e necessidades não satisfeitas que serão levadas para fases posteriores.

A constituição do sujeito se dá pela relação que este estabelece com a cultura, para ser ou vir a ser tem uma construção, um caminho, um tempo que não é cronológico não segue um padrão. Assim, o sujeito vai sendo afetado pela cultura que inscreve nele suas marcas.

A cultura vai ter um papel fundamental na formação desse sujeito, as experiências, principalmente as familiares, onde a criança recebe a primeira educação vai ser o alvo dos estudos da psicanálise. Assim os primeiros cinco ou seis anos de vida são críticos para a criação da personalidade do sujeito.

O entendimento de cada uma das fases que perpassam o desenvolvimento do sujeito contribui para entender porque os contos de fadas se fazem tão presente no período da infância principalmente quando a criança de encontra entre os três e cinco anos. Ela precisa se relacionar com o mundo dos adultos, mas está tomada

pelo desejo e nem tudo se apresenta disponível a sua vontade, alguns sentimentos são reprimidos. A repressão é que vai acabar controlando essa busca de prazer incontrolada, reprimindo alguns sentimentos da criança que não podem ser realizados. Assim um desejo incontrolado pode ser trocado por outro que satisfaça sua vontade, o contato com outras possibilidades pode auxiliar a criança. Essas possibilidades de promover sua satisfação podem ocorrer através do contato com outros adultos, entre os amiguinhos, na sua inserção na escola assim por diante.

Os estímulos externos que a criança recebe contribuem para o seu desenvolvimento, e assim o mundo externo se divide para ela em uma parte prazerosa, que incorporou em si, e um resto que lhe é estranho. Ambos estão sendo vigiados, por conta da repressão que esta encarregada de rejeitar e manter afastado da consciência os desejos mais íntimos que perpassam o desenvolvimento da sexualidade infantil.

Assim como nos contos de fadas as crianças também precisam resolver algumas situações, conscientes ou inconscientes que lhe escapam. Resolvendo suas questões, novo aprendizado acontece favorecendo seu desenvolvimento.

O exercício de aprendizado da criança é precisamente o de tomar decisões acerca de mudar-se por conta própria, no devido tempo e em direção às áreas da vida que ela própria seleciona. O conto de fadas ajuda nesse processo porque apenas acena; nunca sugere, exige ou diz. No conto de fadas tudo é dito implicitamente e de forma simbólica: quais as tarefas apropriadas a determinada idade; como se pode lidar com os próprios sentimentos ambivalentes acerca dos pais, como se pode dominar esse turbilhão de emoções. (Bettelheim, 2007, p. 165)

A influência dos contos de fadas está na permissão que eles promovem, ou seja, sonhar ou sair de uma situação de controle racional, sem medo de perder, a liberdade, o exercício da curiosidade e do espírito aventureiro, que crianças e mesmo os adultos tanto precisam para enriquecer suas vidas e se manterem saudáveis.

Essa influencia dos contos de fadas, afeta na construção de pensamento, na forma como a criança organiza a idéia antes mesmo de ser armazenada. Sua estrutura mental vai mudando a cada informação nova que recebe. Isso não ocorre somente quando escuta história nova, pois as crianças gostam de ouvir a mesma história incontáveis vezes, e cada vez pode retirar delas, consciente ou inconsciente algo diferente que influencie na construção de seu pensamento.

O desenvolvimento de seu pensamento vai ser permeado por questões conscientes e inconscientes, e se transformarão ao receber as informações que são internamente adquiridas no contato com parceiros mais experientes.

Os contos de fadas são presentes na vida da criança, e isso não é à toa, pois ela se encontra dentro de um processo de construção do sujeito, mediado pela cultura em que vive, com isso, se agarram às histórias, que ganham significado com alguma situação que esteja vivenciando. Ao se apegar as histórias que vão tendo significado para ela, a imaginação tão presente nas crianças fica em evidencia, e vai permeando suas conclusões momentâneas ou futuras.

As histórias de contos de fadas como já foi falado no capítulo anterior é produto de uma manifestação cultural dos povos antigos, acabaram traduzindo-se em livros de histórias com narrativas envolventes, muito do era contato estava relacionado com dia a dia das pessoas. As histórias falam das relações: de amor, inveja, morte, paixão, conflito familiar tudo que a psicanálise também se interessa. Freud depositava na cultura a responsabilidade de humanização do sujeito, que sai de uma posição passiva para uma ativa sendo afetado por ela e contribuindo para o seu desenvolvimento.

Assim como Freud, outro pensador que enfatiza a importância da cultura é Vygotsky, ele diz que o sujeito avança na construção de seus conhecimentos na medida em que esta em contato com sujeitos mais experientes. E assim os contos de fadas ao ser apresentados a criança podem auxiliar, na construção de algumas ideias e promover a alteração dos conhecimentos simples para outro mais maduro. Os contos passeiam pela imaginação da criança.

Vygotsky em seus estudos sobre a mente da criança também enfatizou a importância da imaginação para a criança. Para Vygotsky (1989), *“a imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma específica humana de atividade consciente, não presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais”*.

O importante tamanho da imaginação para um desenvolvimento saudável está na possibilidade de realização de alguns sentimentos que a criança deseja satisfazer. Na disputa pelo amor de um dos pais a criança pode encontrar uma saída para algo que deseja por meio da imaginação.

Os contos de fadas abordam muitos sentimentos que mexem com a libido da criança, e isso impulsiona seu pensamento que será afetado pelos novos conhecimentos adquiridos pela criança. A construção de conhecimento vista através de um olhar psicossexual vai atravessar questões relacionadas ao desejo.

Com o passar do tempo, os mecanismos intelectuais relacionados à fala adquirem uma nova função, e essa percepção de mundo que é verbalizada pela criança vai se ampliando. No desenvolvimento da criança, a fala passa por estágios, até atingir uma função sintetizadora, a qual, por sua vez, é instrumental para se alcançarem formas mais complexa da função cognitiva.

Essa mudança de estágio vai ampliando a forma de pensar na criança. E é da forma como os sujeitos elaboram o seu pensamento, que esses se diferenciam dos animais, mesmo os animais superiores. A criança, que já tem o domínio da fala não percebe o mundo apenas através dos olhos, e sim se utilizando dela e avançam nas suas construções psíquicas internas.

Essa percepção verbalizada do mundo ao redor fornece a criança um ganho na estrutura de seu pensamento. E assim, para Vygotsky *“o papel da linguagem na*

percepção é surpreendente”, a criança verbaliza o seu pensamento, antes o organiza internamente.

A criança que fala tem, dessa forma, capacidade de dirigir sua atenção de uma maneira dinâmica. Ela pode perceber mudanças na sua situação imediata do ponto de vista de suas atividades passadas e pode agir no presente com a perspectiva do futuro. (Vygotsky, 2010, p. 28)

A combinação entre os acontecimentos do presente e do passado, que a criança vai percebendo em sua cultura e vai armazenando através da sua estrutura cerebral, leva a outra função fundamental do pensamento, a memória. E dessa união de acontecimentos armazenadas que a memória da criança transforma-se num novo método de unir elementos da experiência passada com o presente.

Para a criança pequena lembrar-se de algo e estar pensando sobre, no momento em que se recorda de um conto de fadas, ela está pensando e isso possibilita que ela faça relações com situações sofridas no seu contato com a cultura. Já no adolescente acontece ao contrário ele precisa pensar para lembrar-se de algo que precise para solucionar alguma tarefa.

Vygotsky atribui à cultura a positiva influencia na formação do sujeito, como que este muda suas estruturas superiores e assim evoluindo em seu desenvolvimento. A cada informação nova, que influencia a sua atividade humana, favorece o seu conhecimento, que acaba sendo mais elaborado.

As mudanças que o sujeito sofre na construção de seus conhecimentos, influenciam na sua forma de pensar, que por hora são forma simples de conhecimento e que mudam para outro mais elaborado, é o que Vygotsky nomeia “Zona de Desenvolvimento Proximal”. Para ele o conhecimento é uma espiral, da qual o sujeito sai de um *nível de conhecimento real*, algo que já saiba fazer sozinho, para um *nível de conhecimento potencial*, algo que faz com ajuda de alguém. Ao passar do tempo quando o sujeito já consegue fazer sozinho, aquilo que fazia com auxílio de outro, o conhecimento potencial, passa a se real. A Zona de

Desenvolvimento Proximal seriam os conhecimentos futuros que o sujeito vai adquirir no seu contato com a cultura.

É por meio do contato com a cultura que as crianças vão avançando em seu nível de conhecimento. Com *isso “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam”*, (Vygotsky, 2010, p. 100)

A criança constrói seu conhecimento, sempre utilizando o que já sabe para aprender algo novo, a imaginação pode auxiliá-la nas ações que ainda vão além de suas capacidades, ela auxilia a criança, a fazer aquilo que o adulto faz, e ela ainda não tem a capacidade adquirida para fazer.

A maioria das crianças adora novidades, basta conviver com elas para perceber essa característica. Ela vive um tempo em que às novidades não param de acontecer. Com isso fica fácil envolvê-las com os personagens dos contos de fadas, pois os mesmos pertencem ao mundo diferente do dela. E as histórias são cheias de acontecimentos mágicos e soluções que alcançam seus desejos mais íntimos. Se elas crescerem num ambiente estimulante, serão curiosas, pois sua vida tem necessidade de fantasia para apoiar suas brincadeiras e seus pensamentos mutantes. Se possível encontrarão a fantasia em todas as suas formas: brinquedo, filmes, games, livros, teatro, brincadeiras com os amigos, programas de televisão, narração de histórias, etc. Dentro disso os contos de fadas podem ser um meio privilegiado de consumo de ficção.

Mas porque os contos de fadas? A resposta está na oferta que essas histórias fantasiosas, advindas da tradição oral, e que foi legada a criança trazem. Essas histórias tão encantadoras seguem fazendo-nos pensar e exerce um poder de subjetivação, ou seja, contribuem para que quem as escute elabore problemas e cresça. Para Bettelheim, os contos de fadas têm a magia de fornecer realmente o que a criança precisa e seria para essa linguagem, contida nos contos, que ela estaria preparada.

Os contos de fadas não são auto-ajuda infantil, são sim histórias ficcionais que oferecem mais instrumentos para que possa elaborar seus dramas. O imaginário infantil se abastece dessas histórias, traços de personalidade de personagens e cenários provenientes de ficção, que são utilizados conjuntamente como bonecas, carrinhos, bichos de pelúcia ou super-heróis de plástico. É elemento disponível para uma combinação que, esta sim, será o instrumento de elaboração da criança.

Vygotsky, em seu texto sobre o brinquedo (1989), diz que “... a imaginação, nos adolescente e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo sem ação, questionando o velho adágio de que o brincar da criança é imaginação em ação... e posicionando-se a favor de que a imaginação é construída ou alimentada, no caso, pela ação de brincar, e não está presente na consciência de crianças muito pequenas...”.

Se substituirmos o brinquedo pela leitura de histórias de contos de fadas, nessa colocação de Vygotsky, a relação permaneceria verdadeira, ou seja, os contos de fadas também pode ser um alimento para a imaginação, porque também é um brinquedo: também dá prazer, mas vai além, pois preenche necessidades da criança e provoca mudanças nas motivações e tendências; é capaz como o brinquedo, de oportunizar a satisfação de desejos “irrealizáveis”, mesmo que numa dimensão ilusória e imaginária.

A fantasia é a maneira de resolver conflitos íntimos sofridos pelas crianças, e que o adulto também faz, sonhar ou sair de uma situação de controle racional, sem medo de nos perdemos, ou seja, que nos permitem os deslocamentos, a liberdade, o exercício da curiosidade e do espírito aventureiro de que tanto precisamos para enriquecer nossa vida e nos mantermos saudáveis.

A criança busca saber mais sobre o mundo dos adultos, as suas construções irão percorrer questões relacionadas ao prazer e a cada descoberta deixara para trás formas mais simples de manifestação com o mundo. Suas construções estão

além do pensamento consciente, mas muito do que é no presente atravessou questões no inconsciente.

A fim de entender esse pensamento mutante da criança relacionado com as questões íntimas que perpassam o seu desenvolvimento que os contos de fadas podem auxiliar seu pensamento.

4 – Capítulo 3

4.1 – A importância de ouvir Contos de Fadas na Educação Infantil

Fazer a escolha da leitura apropriada, para as crianças tem sido o caminho percorrido por aqueles preocupados em favorecer, a aprendizagem, principalmente das crianças que ainda não dominam a leitura e escrita convencional, e precisam ser inseridas na cultura.

Ao escolher qual a leitura oportuna, para essas crianças em fase pré-escolar, os professores podem encontrar uma vasta coleção direcionada a elas. O livro infantil possui uma linguagem que envolve a criança, pois traz em suas histórias algo que se assemelha com as suas particularidades. A literatura infantil vem sendo utilizada dentro e fora da escola, pois podem provocar reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual. Também se acredita que através delas as crianças podem adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias etc.

A literatura no seu início nasce da necessidade dos homens, desde as origens, registrarem e compartilharem suas experiências, fantasias e, mais do que

isso, valores e ensinamentos, transmitindo-os para as gerações futuras. Baseando-se nisso, a literatura existiu antes mesmo da invenção dos códigos escritos, quando os homens só possuíam o recurso da oralidade para estabelecer comunicação e intercâmbio uns com os outros. É, portanto, com a palavra oral, antes da escrita, que a literatura ganha corpo e se realiza.

Essa forma primitiva de colher e narrar acontecimentos de forma fantasiosa adquiriu, ao longo da história, diversas formas, como fábulas, lendas, canções de gesta, rapsódias, cânticos, historietas, parábolas, salmos, provérbios, hagiografias e um sem fim de relatos orais. Todas essas oralidades, com o decorrer dos tempos, acabaram sendo registradas na forma escrita, compondo o acervo da grande literatura ocidental, mas ainda hoje persistem os relatos orais de “causos”, lendas e outras formas literárias.

E assim, também surgem os contos de fadas, e se espalham pela cultura infantil. Eles ganham lugar de destaque por ter a qualidade necessária para pertencer à categoria de literatura infantil, o qual envolve valor estético, histórico, pedagógico e psicológico, como já foi discutido em capítulos anteriores.

Por este motivo nem todas as obras de literatura infantil, é considerado bom, com um teor de qualidade, e por isso o professor deve ter cuidado ao utilizar um livro infantil, muitos passaram por adaptações e perdem em qualidade.

Ana A. Arguelho de Souza, no texto “Literatura infantil, o que é?” (2010), relata que algumas coleções de contos infantis têm uma linguagem pobre e cheia de erros linguísticos grosseiras, e circulam entre os alunos-professores, que afirmam terem-nas adquirido por vendedores de livros que fazem ponto nas escolas.

Não basta ler qualquer livro que seja destinado à criança, deve se ter a preocupação, se esse traz elementos estéticos cheios de magnitude com poder encantatório, possibilitando a identificação com os personagens e a possibilidade de viajar com eles, por meio da imaginação. A criança, ou mesmo os adultos podem ser

fisgados por meio de elementos estéticos em um primeiro momento e entrarem na narrativa. A criança por sua vez “descobre” o caminho para o entendimento do sujeito, dentro da cultura da qual faz parte com o auxílio dos contos de fadas clássicos.

A criança está se iniciando na cultura e se utilizará, de suas vivências com os adultos, para evoluir no seu desenvolvimento e vir a ser um sujeito. Essa vivência por suas vezes são rodeadas de conflitos, que para Freud estão relacionados com as questões de prazer versus realidade, estabelecidas no meio em que vive.

Muito do que é construído na infância pela criança, é vivenciado, quando esta se encontra na educação infantil, período que acaba sendo o “palco”, onde ela pode mostrar muitas vezes por meio das suas brincadeiras, como estão sendo construídas e firmadas suas bases.

A educação infantil que hoje atende crianças até cinco anos, é vista, cada vez mais, como um investimento necessário para seu desenvolvimento desde os primeiros meses até a idade em que ela ingressa no Ensino Fundamental. A educação infantil é uma das etapas da Educação Básica, mas sua obrigatoriedade é a partir dos quatro anos de idade. As crianças com idade até três anos são atendidas nas creches que é uma etapa dentro da educação infantil.

Essa criança sai do convívio familiar para se relacionar com o outro que deixa nela suas marcas. Desde cedo, quando são inseridas na cultura, a criança pode ampliar sua relação com o saber, dominar diferentes linguagens, valores culturais, padrões estéticos e éticos, nesse processo, cada criança se constitui como um sujeito único.

A autora Zilma Ramos de Oliveira, que é uma conhecedora fiel dessa etapa da educação, já escreveu muitos trabalhos a respeito da educação infantil, nesse trecho acrescenta:

Suas características condicionam a atividade da criança às rotinas, à dimensão relacional, ao domínio de determinada língua falada, ao mundo de significados já construídos em uma sociedade e a cotidianos culturalmente criados. (Oliveira, 2007, p. 36)

A educação infantil, atualmente conhecida como primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família, que é o primeiro contato com o mundo.

A estruturação da ideia de uma educação voltada para a criança surge com a concepção de infância, que passou por um longo processo de construção histórica e social, que ao mesmo tempo recebia múltiplas ideias a respeito da criança e do desenvolvimento infantil. Mas existia uma concordância entre elas de que, a criança tinha necessidades próprias e características diversas das dos adultos, como o interesse pela exploração desse novo mundo.

Conhecer as teorias facilita o fazer do professor-educador, no trato de como cada criança reage e modifica sua forma de sentir, pensar, falar e construir coisas, mas também o potencial de aprendizagem presente em cada atividade realizada na instituição de educação infantil.

A criança está inserida em uma sociedade concreta, mas suas construções a respeito dela percorrerão o caminho da imaginação, por isso que Vygotsky afirma que toda função psicológica superior manifesta-se, primeiro, em uma situação interpessoal e depois em uma situação intrapessoal.

Para ele o pensamento é, assim, formado na vida social, à medida que os modos de organização dos ambientes presentes em determinado contexto social fornecem aos sujeitos nele imersos os objetos, os conhecimentos, as técnicas e os motivos necessários ao desempenho das tarefas sociais historicamente construídas naquela cultura.

No fazer da criança na educação infantil, o brincar sempre vai estar presente, nesse momento ela pode imaginar, criar, fazer de conta, e assim, as estratégias que ela utilizará podem receber influências de algum contos de fadas que se aproximou do momento que esteja passando.

Se pegarmos à menina que está passando pelo conflito épico, sente desejo pelo pai, mas não pode, pois este já é da sua mãe, ela pode encontrar uma saída através de um conto de fadas. Através da brincadeira, a menina pode fazer de conta que é a princesa e o príncipe dono de seu amor será o seu pai, ela não se casou com o pai concreto, e sim fez de conta, inconscientemente encontra um alívio, pois não prejudicou seu relacionamento com a mãe, e resolveu o seu desejo pelo pai.

A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma transformação significativa da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexa de relacionamentos com o mundo.

A imaginação vai sempre estar presente no dia a dia da criança. A imaginação desenvolve-se por toda a vida. Ela é livre embora ainda pobre na criança, ao passo que o adulto, por ter uma experiência mais diversificada, pode experimentar uma função imaginativa extremamente rica e madura. Mas é importante esclarecer que este adulto já foi uma criança e sofreu alguns recalques na infância, e carregou com ele para a sua vida adulta, que podem influenciar na sua demanda imaginativa.

As trocas, e as experiências da criança com a cultura, podem servir de alimento para a imaginação. A inserção da criança na Educação Infantil pode favorecer a sua imaginação, embora ela ainda sofra com algumas “barreiras”, os momentos, de ouvir determinadas histórias, de brincar, de cantar contribuirão para sua imaginação e criatividade.

Na medida em que são considerados todos esses aspectos relacionados à educação infantil, o professor poderá fazer uso dos contos de fadas, certo de que estes estão promovendo ainda mais a imaginação, pois auxiliam as crianças a passarem por alguns conflitos internos, e a sair relativamente confortável desta situação.

Ao utilizar os contos de fadas o professor pode ajudar a criança a encontrar sua compreensão sobre a vida. Os contos de fadas, por meio de imagens simples e diretas, ajudam a criança a ordenar seus sentimentos ambivalentes de forma que cada um tome lugar, separadamente. Enquanto ouve a história, a criança forma ideias sobre o modo de ordenar, internamente, seus sentimentos.

Para Nóbrega (2009), os contos de fadas, através dos séculos, passaram a transmitir significados manifestos e latentes da mente da criança e do adulto. Transmitem mensagens exatamente no nível em que a criança necessita no momento, seja consciente ou inconscientemente.

Esse autor analisou alguns contos de fadas e percebeu que através desses alguns temas perpassa sentimentos vividos pela criança, as análises escritas a seguir podem facilitar para o professor, na hora de escolher o conto, que poderá ser pertinente para trabalhar determinadas questões de conflitos das quais passam as crianças.

Utilizarei as análises de três contos de fadas, conhecidos e apreciados pelo público infantil. Começarei com a versão dos irmãos Grimm, para a história, “A Bela Adormecida”, temas possíveis dentro desse conto, a maturidade e a superproteção familiar.

Há muito tempo, em um país distante, nasceu uma bela princesinha e, em sua homenagem, o rei e a rainha fizeram uma grande festa. Convidaram três boas fadas que seriam as madrinhas, mas se esqueceram de convidar a bruxa Malévola.

Para vingar-se da ofensa, ela surgiu durante a festa e amaldiçoou a princesinha:

_ Aos 16 anos você espetará o dedo no fuso de uma roca e morrerá!

Uma das fadas, Primavera, atenuou a maldição dizendo:

_ Não morrerá, mas adormecerá, e apenas um beijo de amor poderá acordá-la.

O rei, por precaução, ordenou que todas as rocas do reino fossem queimadas. O tempo passava, e a gentil princesinha tornava-se cada vez mais linda.

Ela vivia feliz em seu castelo, cercada do amor de seus pais e das três boas fadas que a protegiam.

Mas no dia em que completou 16 anos, a princesinha encontrou aberta a porta de uma das torres do castelo; curiosa, subiu até lá. Havia uma sala onde uma velhinha fiava.

A menina nunca tinha visto uma roca e perguntou à velhinha se poderia aprender a usá-la. No momento em que a tocou, espetou o dedo no fuso e caiu em sono profundo.

Ao redor do castelo, começou a crescer o espinheiro de um roseiral silvestre. Ele cresceu tanto, que cobriu todo o castelo.

De tempos em tempos, jovens príncipes tentavam chegar ao castelo, atraídos pela história da Bela Adormecida, mas não conseguiam passar pelo roseiral. Os espinhos estavam muito firmes, e os jovens ficavam presos neles, sem conseguir se libertar; e dessa terrível maneira acabavam morrendo.

Enfim, passados cem anos, chegou o dia em que a princesa deveria despertar de seu sono profundo. Um jovem príncipe avistou, por acaso, o castelo abandonado onde os habitantes dormiam enfeitiçados.

Quando o príncipe se aproximou do castelo o roseiral tinha lindas e grandes flores, e o espinheiro se abriu para deixá-lo passar.

Entrou no castelo, subiu até a torre e viu a bela princesinha adormecida.

No mesmo instante apaixonou-se por ela e a beijou. A maldição acabou de imediato: a jovem acordou e com ela todos os habitantes do

castelo. O rei e a rainha deram uma grande festa, e o jovem príncipe casou-se com a linda princesa.

Para esse conto Nóbrega fez a seguinte análise.

O conto A Bela Adormecida tem como tema central o desenvolvimento humano e as etapas da vida. Inicia-se com o nascimento de uma criança em condições favoráveis, predestinada a ser feliz.

A primeira infância transcorre tranquila e alegre, mas a chegada da puberdade traz situações novas e conflitantes.

Para que haja crescimento, são necessários períodos ativos e passivos. Há um longo período passivo nos meninos e nas meninas, anterior à puberdade, o que chamamos na psicanálise de latência. As meninas parecem sonolentas e refugiam-se dentro de si mesmas no período em que acontece a menstruação.

Quando se torna “ativa”, a criança tenta demonstrar a masculinidade ou feminilidade, muitas vezes por meio de aventuras perigosas. Ela junta forças na solidão e vai em busca de sua autonomia, acreditando ser onipotente.

A passagem da adolescência para a idade adulta não acontece abruptamente. É necessário esperar o amadurecimento para chegar a uma união sexual.

Neste conto, o longo período de “cem anos” de sono significa o tempo necessário para chegar à maturidade, esse tempo é variável. Cada um de nós precisa de um tempo interno para amadurecer.

A “maldição fatal” refere-se à menstruação. O rei não pode impedir o sangramento fatal da filha quando ela atinge a maturidade biológica. Por mais

cuidados que o pai tenha, a puberdade se instala, é algo inevitável, tem de acontecer.

O quarto escondido, onde a velha está fiando, mostra como a menina, quando se torna adolescente, explora áreas antes inacessíveis. A velha significa que a “maldição” é herdada de mulher para mulher.

O sono (cem anos) a protege dos pretendentes, isto é, dos encontros sexuais prematuros.

Muitos tentam alcança-la antes de terminar sua maturação, mas todos padecem nos espinheiros. Quando ela atinge a maturidade, o muro se abre para o príncipe entrar.

O beijo rompe a maldição e desperta a princesa para a feminilidade.

O mundo só está vivo para a pessoa que desperta para ele, relacionando-se com os outros. A princesa acorda para o mundo e o vislumbra com novos olhos: tudo adquire vida e desabrocha.

No conto A Bela Adormecida vemos o recolhimento interior (sono profundo) e a valorização de uma importante etapa da vida, na qual a menina transforma-se em mulher.

A criança, ainda quando pequena, diz que já namora; o menino, então sempre tem mais de uma namoradinha. Os pais acham engraçados e alguns até estimulam a troca de presentes entre eles. Isso não é bom. Não se devem pular etapas. É bom deixar claro que beijar na boca e namorar só é permitido quando a criança crescer. Se os pais acham natural que o filho namore aos 10 anos, esses mesmos pais devem saber, por outro lado, que a criança pode perder a referência de como as etapas na vida deve acontecer.

Outro conto de fadas analisado foi “O patinho feio”, versão de Hans Christian Andersen, por meio dessa história os temas possíveis, podem ser a busca da identidade e a rejeição.

Era uma vez uma mamãe Pata que pôs cinco ovos. Quatro lindos patinhos saíram primeiro da casca e, por último, um patinho tão feio que dava dó. “Quando crescer, ficará bonito”, pensou, esperançosa, a mamãe Pata.

O patinho crescia, e a mamãe Pata ficava cada vez mais triste. Ele continuava feio e esquisito. Os mais velhos olhavam-no com pena. Os mais jovens zombavam dele, chamando-o de “patinho feio”.

Pobre patinho! Vivia triste e não brincava com ninguém por causa da sua feiúra. O patinho preferia ficar sozinho a brincar perto daqueles que riam dele. Um dia, resolveu ir embora para bem longe.

Andou muito pela floresta, até que anoiteceu. Ele estava cansado, com fome e com muito medo. Também estava triste com seus amigos, por isso, venceu o medo e adormeceu ali mesmo.

De manhã, quando acordou, ainda tinha fome. Andou um pouco e ouviu um barulho de água.

Correu e encontrou um lago, onde alguns patos selvagens brincavam alegremente.

Quis falar com eles, mas um barulho de espingarda espantou a todos. E ele ficou sozinho novamente.

O patinho resolveu ficar ali mesmo, pois havia muitos peixes para se alimentar.

Com o tempo, foi ficando mais forte e robusto.

A primavera chegou, e todos os cisnes resolveram aparecer no lago. Um deles veio conversar com o patinho. Ele não acreditava que um belo cisne quisesse ser seu amigo de verdade.

_ ora, olhe seu reflexo na água – pediu o cisne.

O patinho viu o reflexo e descobriu que ele também era um cisne!

Então, resolveu se juntar àqueles lindos e majestosos cisnes e viveu feliz para sempre.

Na análise construída por Nóbrega, para essa história existe a questão da busca da identidade. Na história do Patinho Feio, tudo transcorre bem até que se dá uma ruptura na ordem. Nasce um patinho diferente dos outros que, por isso, acaba sendo excluído. A ruptura, portanto, diz respeito à segregação do herói. A família o rejeita, ele se sente agredido pela mãe e fica isolado. É excluído de grupo e tem de fugir.

A criança, frequentemente, identifica-se com o patinho, pois se considera inferior perante o mundo adulto e segregada nas decisões em que predominam as do adulto.

A restauração da ordem não é o patinho ser aceito como pato, mas a descoberta de que pertence a outro grupo. Consegue assim uma nova identidade, a de cisne. Forma-se então, a imagem do “eu” e a socialização dele dentro do grupo.

Na história acontece um processo de metamorfose, significando a “maturidade”.

Quais contribuições o professor poderá retirar deste conto a partir da análise, feita em cima deste conto? Quantas vezes as crianças chegam até nós dizendo que ninguém gosta delas, que nenhum amiguinho quer brincar com elas? O sentimento de rejeição provoca medo nas crianças. Quando elas não entendem algumas situações, ficam com medo de perguntar. Neste momento aqueles que estiverem mais próximos a elas devem evitar dizer, “Cresça primeiro para depois falar sobre o assunto”. A criança precisa de resposta para a suas aflições, lançar para o futuro algo que esteja a incomodando no presente pode ser desfavorável.

Por último a história dos Cachinhos Dourados, versão de Robert Southey, temas possíveis de serem trabalhados, o ambiente familiar e a identidade.

Em uma grande floresta, viviam três ursos. Papai-urso, que era grande e forte; mamãe urso, um pouco menos que o papai urso; e o ursinho, o mais jovem.

Um dia, como faziam todas as manhãs, preparavam uma gostosa sopa de aveia e cevada para o café da manhã. Enquanto esperavam que a sopa esfriasse um pouco, foram passear.

Depois de alguns minutos, passou por ali uma menina chamada Cachinhos Dourados. Era muito curiosa e inteligente.

Cachinhos Dourados estava passeando pela floresta, andando de um lado para o outro. Ela estava perdida. De repente, chegou à casa dos três ursos.

_ Quem está aí? Posso entrar?

Não ouvindo nenhuma resposta, entrou e fechou a porta.

Olhou em volta e viu uma mesa pronta com uma cadeira grande, uma cadeira média e uma cadeirinha. Na frente de cada cadeira, havia uma tigela grande, uma média e uma pequena.

Cachinhos Dourados acomodou-se diante da tigela grande, mas achou que a cadeira era muito grande, alta e dura demais. Então, sentou-se na média, mas não se sentiu bem, pois era macia demais. Enfim, ajeitou-se na cadeira pequena, muito mais confortável.

“Esta é a cadeira mais cômoda”, pensou a menina.

Das tigelas chegava um aroma delicioso. A menina esticou a mão e pegou a tigela grande. Colocou a colher grande na sopa e a experimentou.

“Esta sopa está muito quente!”, pensou cachinhos Dourados. “Experimentarei a média.”

A segunda sopa estava fria. E assim, a menina provou a sopa da tigela menor, com a colherzinha que estava ao lado. Era uma delícia, e Cachinhos tomou tudo em um instante.

Satisfeita, a menina se apoiou no braço da cadeirinha, mas esta de quebrou. Cachinhos Dourados ficou triste com o acidente. Tentou consertá-la, mas não conseguiu.

Desanimada e cansada, andou por toda a casa até que chegou ao quarto e viu uma grande cama. Tentou deitar-se.

“Muito dura”, pensou. “Vou ver esta outra”, e deitou-se na cama média.

“É menos dura, mas também não me agrada.” “Vou experimentar a caminha.” “Finalmente encontrou a cama certa, que era bastante macia”.

Cachinhos Dourados acomodou-se bem, cobriu-se e dormiu imediatamente.

Nesse meio tempo, os três ursos estavam voltando do passeio. Espantaram-se por encontrar a porta fechada. Mal entraram, papai-urso com seu vozeirão disse:

_ Quem tomou a minha sopa?

Mamãe olhou para a mesa e disse:

_ Quem tomou a minha sopa?

E por último o ursinho:

_ Alguém tomou toda a minha sopa.

Papai-urso, em seguida, disse:

_ Alguém se sentou em minha cadeira!

Mamãe-urso, logo depois disse:

_ eu acho que alguém se sentou em minha cadeira!

E por último o ursinho disse:

_ Alguém quebrou a minha cadeira.

Então os ursos começaram a andar pela casa para ver se havia mais coisas fora do lugar.

Chegando ao quarto, papai-urso disse;

_ Caramba, alguém se deitou na minha cama!

Mamãe-urso observou o cobertor amassado e disse:

_ Alguém se deitou em minha cama!

E, por último, o ursinho, com sua vozinha, disse:

_ Olhem tem alguém dormindo aqui!

Cachinhos Dourados acordou e vendo os três ursos assustou-se.

O ursinho disse:

_ Você que aprontou tudo isso?

_ Vocês tem razão de estar irritados comigo. Eu sou muito curiosa e não resisti a entrar na casa, provar da sopa e dormir em sua cama. Peço-lhes desculpas e lhes prometo que não farei mais isso.

Os ursos, vendo que a menina era sincera, lhe perdoaram.

Papai e mamãe ursos lhe deram de presente um vidro de mel e um pacote de aveia e cevada para a menina pensar nos novos amigos e nunca mais esquecê-los.

Vamos à análise da história, onde o tema central é o ambiente familiar.

Na história de Cachinhos Dourados, a menina interfere na integração do ambiente familiar básico, ameaçando a segurança emocional da família.

A família de ursos é bem integrada, sem nenhum problema de identidade. Cada um abe seu lugar, tem seu prato, cadeira e cama, e as coisas funcionam de forma organizada.

Cachinhos Dourados está perdida na floresta, o que significa estar em busca de si mesma, quando bate à porta, espia o interior da casa e entra. Experimenta a cadeira e a sopa sempre na mesma ordem, primeiro as do pai, depois as da mãe e finalmente as do filho. Nesse momento, simbolicamente, Cachinhos está à procura de sua identidade, e entender qual é o papel daqueles que estão a sua volta, pode contribuir para esta concretização. Na maioria das vezes tem em seu convívio a presença do seu pai, da mãe e se tiver seu irmão esses representam peças importantes que impulsionam a criança a fazer descobertas.

Enxergamo-nos como pessoa a partir da oposição ao outro, em virtude da profunda dependência da mãe, a criança não consegue se autodefinir, a menos que conte com a terceira pessoa. Um passo necessário para a independência é aprender que “eu posso contar com outra pessoa além da mamãe”.

Na casa dos ursos, Cachinhos Dourados está confusa, sem saber qual dos três tamanhos servirá para ela.

O papai-urso tinha o mingau quente e a cadeira dura; a mãe-urso tinha o mingau frio e a cadeira muito macia. Só as coisas do bebê-urso servem “exatamente” para ela, mas de repente também não dá certo, pois a cadeira se quebra. Regredir ao infantilismo não é a saída para dificuldades de crescimento.

Em Cachinhos Dourados não há resoluções de problemas nenhum. A personagem não encontra sua identidade nem acontece sua autodescoberta, tampouco se transforma em uma pessoa nova e independente. Cachinhos Dourados, que vem não se sabe de onde, não tem para onde ir. Ela tenta descobrir quem é, qual é o papel adequado à sua pessoa. Parece então que o papel que lhe resta é o de criança.

Na verdade, o conto de Cachinhos Dourados não ajuda a criança a conseguir uma maturidade emocional. O importante neste conto é perceber quando a criança pede insistentemente essa história, pois é uma pista que pode indicar que ela esteja precisando de ajuda para crescer.

Entender os contos de fadas como narrativa que passeiam por meio de conflitos humanos ajuda o professor a fazer intervenções na sala de aula. É certo que cada criança extrai do conto algo que contemple suas particularidades, um conto pode afetar cada criança de uma maneira diferente. As análises se fazem válidas para ampliação do olhar daqueles que se utilizam dos contos de fadas, eles vinculam em suas narrativas muitos conflitos sentimentais e podem contribuir para além do momento de divertir as crianças com as histórias, pois questões íntimas podem estar sendo favorecidas.

Os contos de fadas, na educação infantil aparecem nos momentos de roda. Promovendo, a aprendizagem da linguagem oral e escrita, as duas são um elemento

importante para as crianças ampliarem suas possibilidades e de participação das diversas práticas sociais.

A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade.

Os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, no seu terceiro volume, que aborda o tema “Conhecimento de Mundo”, ao discutir questões relacionadas a linguagem oral diz:

A construção da linguagem oral não linear e ocorre em um processo de aproximações sucessivas com a fala do outro, seja ela do pai, da mãe, do professor, dos amigos ou aquelas ouvidas na televisão, no rádio etc. (p. 126).

Os contos de fadas são ricos, por apresentarem uma narrativa valiosa em elementos estéticos. Por meio desse apelo narrativo eles envolvem os dois gêneros, masculino e feminino, as meninas adoram as personagens de princesa principalmente as que terminam as histórias casando-se com o príncipe, isso deve ser por causa do grande desejo que sentem pelo pai e não podem, assim como a princesa casar-se com seu amado, os meninos gostam do João que enfrenta o gigante, eles não podem matar o pai, mas desejam ser forte e grande como seu rival.

Através dos contos de fadas ambos os gêneros concretizam seus sentimentos pelas brincadeiras de faz de conta quando representam um personagem que gosta e se encaixa a sua necessidade. Também podem atender a uma demanda inconsciente que não chega ao consciente por causa da repressão, mas por algumas vezes escapam pelo caminho dos processos oníricos.

A linguagem dos contos de fadas tem um apelo sexual que passa despercebida as questões conscientes, por isso alcançam uma satisfação no inconsciente.

O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, na sua interação com as outras pessoas, nas ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento.

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em espaço da ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo.

Para Freud a comunicação da criança com o mundo vai estar sempre relacionada aos seus desejos mais secretos. Não poderemos alcançar todos os sentimentos inconscientes que atravessam o sistema psíquico da criança, mas podemos promover através dos contos de fadas um caminho para alcançarem alívio a seus conflitos internos, presente e os que acompanham o seu desenvolvimento.

5 – Conclusão

Ao longo dos capítulos desta monografia o tema central das discussões apoiou-se na importância dos contos de fadas, procuramos ampliar nosso conhecimento sobre este legado presente na infância das crianças principalmente aquelas que se encontram em idade pré-escolar. Os contos de fadas surgiram da tradição oral de se contar histórias, e se transformaram em histórias escritas que vem encantando muitas gerações.

Os contos de fadas no seu início eram histórias que divertiam os adultos e aos pouco foram ganhando espaço na vida da criança. Acreditava-se que por meio das histórias a criança podia aprender os costumes e crença da cultura. A criança esta em constante movimento de descoberta do mundo e os contos de fadas a esclarece sobre os sentimentos, ajudando-a à compreender suas emoções. Os contos de fadas podem oferecer uma solução aos conflitos internos sofridos pela criança e ajudar que aprenda sobre o mundo complexo dos adultos.

Aceitar os contos de fadas como indicadores de modelo a serem seguidos é uma forma de vê-los como algo mais profundo do que simplesmente uma história para ler na hora de dormir.

Tínhamos o objetivo de mostrar como as histórias fantásticas dos contos de fadas podem auxiliar o pensamento da criança. A criança precisa entender o mundo do adulto, a construção feita por ela a respeito desse mundo tão complexo percorrerá o caminho da imaginação. Os contos de fadas por sua vez, podem ser um aliado na forma como a criança aprende sobre o mundo. Muito do que construir na infância fará parte da sua vida adulta.

No capítulo I discorreremos a respeito da origem dos contos de fadas e como se transformaram em instrumento de ascensão da nova classe que surgia na idade média, período de muitas mudanças sócias e política.

Também falamos das quatro dimensões; estética, histórica, pedagógica e psicológica, essas dimensões ampliam o leque pedagógico e poderão auxiliar na prática do professor-educador que trabalha com criança na educação infantil.

No segundo capítulo enfatizamos a importância da cultura para a formação da criança- sujeito. A criança seguirá participando da cultura até o momento em que surge a pulsão do saber, esse momento será marcante e primordial para as construções futuras. Levada pelo desejo de saber mais sobre a vida sexual dos adultos é que seu pensamento surge, e alavanca suas possibilidades de inserção na cultura.

A criança desde seu nascimento passa a sofrer com as influências da cultura, ela tem que lidar com os sentimentos reprimidos e seguir cada uma das fases da forma mais saudável possível. A criança percebe-se inapta para viver as complexidades do mundo do adulto. Os conflitos internos sofridos por cada criança podem se constituir como marcas que a seguirão por toda a sua vida, por conta da troca dela com a cultura.

Freud em seus estudos sobre a sexualidade da criança diz que durante seu crescimento a criança passa por cinco fases: fase oral, fase anal, fase fálica, fase da latência, fase genital. A inserção da criança na cultura é que promoverá cada uma das fases que se iniciam no primeiro ano de vida e finalizam na adolescência.

Em cada uma das fases a criança vai experimentando, compreendendo, explicando e solucionando seus conflitos. A intensidade em que as crianças vivenciam cada uma dessas fases ao longo do seu desenvolvimento acaba mostrando o momento certo de assumir o real, não devendo viver para sempre na fantasia.

A cada construção nova sobre a cultura o pensamento da criança vai se estruturando para auxiliá-la cada vez mais nas suas construções futuras.

Para finalizar este trabalho, mas não as discussões sobre o assunto no terceiro capítulo discorreram sobre a importância dos contos de fadas na prática dos professores de educação infantil. A educação infantil é o palco de muitas interações cognitivas e afetivas. E também se constitui em lugar de ruptura da criança com a família, tendo não só o professor-educador como transmissor dos saberes historicamente acumulados, mas também como ser constituído de psique, e suas relações humanas estritamente necessárias à criança.

A verdadeira educação pode respeitar e aproveitar a natureza infantil. Se a fantasia e os sentimentos infantis puderem estar integrados no processo de desenvolvimento e conhecimento, a criança irá sentir-se respeitada e terá condições satisfatórias de ingressar em um mundo social e cultural.

Desta forma, procuramos ratificar a importância outorgada aos contos de fadas por autores consagrados como Bruno Bettelheim, acrescentando as contribuições do casal Corso, entre outros autores. Acreditamos que a nossa contribuição consistiu em articular os processos psíquicos da criança propostos pela Psicanálise a sua inserção na cultura por intermédio da Educação escolar.

Neste sentido, a Educação formal representa o saber construído pela humanidade para além do familiar, decorrente disto a importância que os educadores têm em suas mãos. Assim, para além das interpretações ofertadas pelos diferentes autores a determinados contos de fadas, acreditamos que o educador possa ouvir o que a criança tem a dizer sobre eles, a partir de sua perspectiva. Desta forma, entrarão em atividade processos de pensamento fundamentais, já que os contos de fadas se utilizam de metáforas e símbolos. Neste sentido, os contos de fadas auxiliarão na construção da autonomia no processo de pensamento.

Para finalizar, gostaríamos de salientar que sabemos da relevância do tema e deixamos a porta aberta para novas releituras e contribuições.

6 – Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BONAVENTURE, Jette. *O que conta um conto?*. 5 ed. São Paulo: Paulus 2008.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas do Divã: psicanálise das histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil Teoria Análise Didática*. 7º edição. São Paulo. Moderna, 2005.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FREUD, Sigmund. (1925 [1924]) **Um estudo autobiográfico**. In: Edição standard brasileira das obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1908) **Sobre as teorias sexuais das crianças**. In: Edição standard brasileira das obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1915) **Os instintos e seus destinos**. In: Edição standard brasileira das obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1915) **A repressão**. In: Edição standard brasileira das obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1915) **O inconsciente**. In: Edição standard brasileira das obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

NÓBREGA, Lyéde de Ruggero de Barros. **Educar com contos de fadas: Vínculos entre realidade e fantasia**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SOUZA, Ana a. Arguelho. **Literatura Infantil na escola: a escola em sala de aula**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

